



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**

**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**ANA LUÍSA MARTINS PERA CARDOSO**

**Reflexão ético-teológica, pedagógica e didática sobre Ecologia e Valores.**

**Análise e lecionação da Unidade Letiva 4 “Ecologia e Valores” do oitavo ano de escolaridade de Educação Moral e Religiosa Católica**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada sob orientação de:**

**Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga**

**2017**

“Não temos de ver a natureza como nossa inimiga, que é necessário dominar e vencer, mas antes reaprender a colaborar com ela. A natureza já tem uma experiência de milhares de milhares de anos, ao passo que a nossa é essencialmente mais curta.”

Hans-Peter Dürr

O meu primeiro grande obrigada é dirigido aos meus pais, João e Judite, que me deram a vida, que sempre foram e serão o meu grande exemplo enquanto pais, amigos, casal e católicos; que aguentaram durante estes dois anos todos os fins-de-semana de distância e de saudade. Sem eles nada disto seria possível. São o meu orgulho, o meu porto de abrigo!

Depois quero agradecer, também, ao meu irmão André. Mesmo em silêncio e distante nunca deixou de confiar em mim, de confiar que seria capaz de atingir os meus objetivos com sucesso.

Ao meu namorado, Xavier, pela paciência de me ouvir, pelas palavras de incentivo quando apenas pensava em desistir. Foste mais que maravilhoso.

À minha Orientadora Científica, Doutora Maria Isabel Pereira Varanda, por todas as sugestões, correções e disponibilidade. À minha Professora Cooperante, Doutora Maria José Dias, sempre atenta e disposta a levar-me mais longe. Pela simplicidade, carinho e cumplicidade com que sempre me tratou e pelas palavras amigas que sempre me dirigiu. As palavras serão poucas para tanta generosidade.

Ao corpo docente da Faculdade de Teologia de Braga que me acompanharam durante estes dois anos e aos funcionários, sempre tão prestáveis.

Aos meus colegas, agora amigos, de estágio por todas as partilhas, gargalhadas e abraços de consolo. Seremos sempre um só.

Por fim, um agradecimento a todos os meus amigos que, *apenas* e *só* pela amizade demonstrada me davam coragem e força para continuar.

## **RESUMO**

O presente Relatório tem por base a Prática de Ensino Supervisionada (PES) realizada no âmbito da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. A PES foi realizada no Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, situada em Braga, na turma 4 do oitavo ano de escolaridade do Segundo Ciclo do Ensino Básico. A lecionação incidiu sobre a Unidade Letiva 4 “Ecologia e Valores”. Este Relatório pretende apresentar uma reflexão ético-teológica, pedagógica e didática da referida Unidade Letiva e, ainda, refletir acerca do Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, mais concretamente acerca da Unidade Letiva lecionada.

**PALAVRAS – CHAVE:** Ecologia; Valores; Ética; Docente; Unidade Letiva; Educação Moral e Religiosa Católica

## **ABSTRACT**

This Report is based on the Supervised Teaching Practice (PES) carried out within the scope of the Moral and Religious Catholic Education subject. The PES was held at the Dr. Sanches Group of Schools, located in Braga, in class 4 of the eighth grade of schooling of the Second Cycle of Basic Education. The lecture focused on the Teaching Unit 4 "Ecology and Values". This Report intends to present an ethical-theological, pedagogical and didactic reflection of the said Unit and also to reflect on the Program of the subject of Moral and Religious Catholic Education, more specifically about the Unit taught.

**KEY WORDS:** Ecology; Values; Ethic; Teacher; Teaching Unit; Moral and Religious Education.

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

O presente Relatório da Prática de Ensino Supervisionada no Agrupamento de Escola Dr. Francisco Sanches, em Braga, constituirá um documento reflexivo sobre a prática do docente e sobre a sua fundamentação científica e pedagógica. É uma oportunidade que me é concedida para melhorar as minhas competências pedagógicas, relacionais e teológicas, podendo, com o acompanhamento que me é feito e com a minha postura crítica, vir a ser uma melhor professora.

O objetivo fundamental do Mestrado em Ciências Religiosas, área de Educação Moral e Religiosa Católica, é a formação profissional de docentes para o ensino de Educação Moral e Religiosa Católica.

É meu objetivo poder dar o meu contributo para o desenvolvimento, educação integral e formação de seres humanos que, em virtude disso, possam vir a desempenhar melhor o seu papel na sociedade e a serem melhores pessoas. Para além deste, considero que é importante, em termos cristãos, não se perder de vista o fim último do ser humano que é o próprio Deus. Como tal, opto pela profissão docente enquanto professora de Educação Moral e Religiosa Católica.

A escolha deste tema deve-se à sua atualidade e à necessidade de motivar os alunos, dentro de uma cidadania responsável, para a preservação da criação; seguir, analisar e avaliar a Unidade Letiva 4 do 8º ano “Ecologia e Valores” e explorar as respostas que a ciência, a filosofia e a teologia oferecem, no sentido de justificar a necessidade de preservar o planeta Terra. O Relatório será dividido em três Capítulos.

No primeiro Capítulo deste Relatório farei uma reflexão acerca do contributo da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica para o desenvolvimento integral do aluno e abordarei temas como: as finalidades e a identidade da disciplina e, ainda, a fundamentação da presença da disciplina nas escolas.

O segundo Capítulo tem como título “Ética e Ecologia – Conceitos e Problematização”. Neste Capítulo abordarei os conceitos de Ética e Ecologia, refletirei acerca de alguns paradigmas éticos e, finalmente, refletirei sobre os princípios ecológicos associados à educação.

---

<sup>1</sup> O presente Relatório foi elaborado a partir da norma Chicago, estilo A 16 consultada em: [http://www.chicagomanualofstyle.org/tools\\_citationguide.html](http://www.chicagomanualofstyle.org/tools_citationguide.html)

O terceiro e último Capítulo será aquele em que farei uma reflexão sobre o Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, mais concretamente o correspondente ao 8º ano de escolaridade. Apresentarei uma descrição da Unidade Letiva “Ecologia e Valores”, a planificação da Unidade Letiva referida, com os correspondentes planos de aula, uma descrição e avaliação da Unidade Letiva aula a aula e, por último, a avaliação geral e final da lecionação.

Tendo como propósito estudar o tema da preservação da criação, procurarei fazer uma reflexão ético-teológica da ecologia e dos valores, da relação entre o ser humano e a natureza, procurando saber qual das duas realidades é detentora de direitos e se, no plano do todo criado, apresentam a mesma dignidade. A relação da natureza e dos valores será pensada, sobretudo, a partir do conceito de criação e de um novo paradigma ético que prescreva os princípios da responsabilidade e da solidariedade, quer com as gerações presentes quer com as gerações futuras. Seguir-se-ão de perto alguns documentos do Concílio Ecuménico Vaticano II, o Catecismo da Igreja Católica e documentos da Conferência Episcopal Portuguesa, relativos ao ensino da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

Como para um docente não é suficiente que se saiba e conheça muito sobre um assunto, mas que, para além disso, seja capaz de o transmitir e de levar os alunos a atingirem as metas definidas pelo programa da disciplina, o terceiro capítulo abordará a experiência letiva de cinco aulas a uma turma do oitavo ano do ensino básico do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, no âmbito da Unidade Letiva “Ecologia e Valores”. Será uma oportunidade para refletir e avaliar a minha prática docente, tendo em vista o objetivo da perfeição. Objetivo esse que é inalcançável, mas para o qual devemos sempre trabalhar a fim de continuamente melhorarmos.

Para o atingir, a pesquisa, nomeadamente a pesquisa bibliográfica é um elemento necessário a fim de o docente possuir bases sólidas quer a nível de conhecimento do tema em questão, quer inclusive de suporte às estratégias que vai usar para implementar na sala de aula.

## CAPÍTULO I – O CONTRIBUTO DA EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO ALUNO

O contributo católico na escola é relevante porque colabora no sentido de uma educação integral do aluno, para a sua formação enquanto pessoa, preparando-o para desempenhar um papel crítico e reflexivo na sociedade onde está inserido e na qual intervirá como cidadão e como cristão. Assim, “sendo este aspeto demasiado importante, é tarefa da escola pública legitimar a presença da EMRC, vendo na disciplina a possibilidade de esta contribuir para ajudar o aluno a refletir e a compreender o mundo plural e diverso em que está inserido”<sup>2</sup>. Portanto, poder-se-á afirmar que “a reflexão moral é parte essencial de qualquer educação digna desse nome”<sup>3</sup>. Na escola, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica poderá ajudar nesse sentido.

Dada a sua relevância pedagógica, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, como disciplina escolar, deve gozar das mesmas prerrogativas atribuídas às demais disciplinas do currículo da escola. A sua importância exige a necessidade de estar presente na escola, pelo facto de ajudar os alunos a compreenderem as tradições do seu meio cultural de matriz cristã. Por outro lado, o ensino religioso pode ajudar os alunos na abordagem dos grandes problemas existenciais do nosso tempo, nos quais muitas vezes eles são protagonistas e a encontrar um caminho para a vida. Através do contributo da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, o aluno terá ao seu dispor as ferramentas essenciais para com elas poder refletir e criticar contribuindo assim para melhorar a sociedade egoísta e desumana em que vivemos<sup>4</sup>.

### **1. Finalidades da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica**

Em relação às finalidades da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, cabe dizer que esta tem como objetivo transmitir aos alunos uma formação integral que os levem à descoberta da sua própria identidade, ajudando-os, ao mesmo tempo, a construir um ideal de realização pessoal. Apesar das suas especificidades, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, uma vez inserida em contexto escolar, procura concretizar as finalidades da escola<sup>5</sup>. As finalidades da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica estão inscritas nas Metas

---

<sup>2</sup> António Salas, Joseph Gevaert e Robert Gianatelli, *Didáctica de la Enseñanza de la Religión* (Madrid: CCS, 1993),19.

<sup>3</sup> Fernando Savater, *Ética para um jovem*, 14ª Edição (Lisboa: Dom Quixote, 2005), 13.

<sup>4</sup> Cf. Salas, Gevaert e Gianatelli, *Didáctica*, 21.

<sup>5</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade* (Lisboa: SNEC, 2006), 8.

Curriculares de cada Unidade Letiva<sup>6</sup>. O ensino da Educação Moral e Religiosa Católica cai dentro do âmbito dos direitos fundamentais do ser humano dado que prepara os alunos, educando-os de modo a que estes realizem uma reflexão consciente sobre os valores<sup>7</sup>. Refira-se que interessa conhecer os motivos pelos quais se justifica a sua presença na escola. Eles serão, essencialmente, “o direito de os pais poderem exigir o ensino religioso e moral para os seus filhos; a missão da escola para com os cidadãos, proporcionando uma educação integral ao aluno, para o ajudar a criar e a desenvolver o espírito crítico”<sup>8</sup>. A Conferência Episcopal Portuguesa refere que a sociedade tem como tarefa fundamental a educação<sup>9</sup>. Esta afirmação implica a ideia de considerar a educação algo muito importante na formação do ser humano no ato educativo da escola, porque a educação aí promovida deveria respeitar “a sua origem e a sua transcendência”<sup>10</sup> e só assim se garantirá um desenvolvimento harmonioso e integral da sua personalidade<sup>11</sup>.

De acordo com a Conferência Episcopal Portuguesa, na escola, a Educação Moral e Religiosa Católica tem como finalidades ajudar os alunos a:

- “Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular; Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Aprender o fundamento religioso da moral cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;

---

<sup>6</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 7.

<sup>7</sup> Cf. *Ibidem*, 4.

<sup>8</sup> António Salas, Joseph Gevaert e Robert Gianatelli, *Didáctica de la Enseñanza de la Religión* (Madrid: CCS, 1993), 23.

<sup>9</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade* (Lisboa: SNEC, 2006), 1.

<sup>10</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *A escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana* (Lisboa: SNEC, 2009), 3.

<sup>11</sup> Cf. SNEC, *Um valioso contributo*, 1.

- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência”<sup>12</sup>.

Perante este elenco de finalidades há a referir que, antes de mais, “a religião se estuda na escola, porque é uma dimensão fundamental do Homem e da cultura”<sup>13</sup>. E não esqueçamos que “a dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana”<sup>14</sup>.

Os alunos captarão os valores e os significados relativos à vivência do cristianismo<sup>15</sup>. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica na escola promoverá o diálogo entre a fé e a cultura e estabelecerá a ligação entre os vários conteúdos programáticos das várias disciplinas do currículo. Torna-se importante que os alunos dominem as outras áreas do conhecimento para assim poderem inserir-se na comunidade a que pertencem, com uma visão cristã da vida. A instrução religiosa católica deve fazer “referência à verdadeira conceção cristã da realidade”<sup>16</sup>, centrada em Jesus Cristo.

Na sociedade pluralista e aberta em que vivemos, “o cristianismo, senão quiser converter-se em algo completamente insignificante na sociedade, terá a necessidade de dialogar com outras posições. A EMRC ajuda o aluno a compreender a tradição cultural na sociedade onde está inserido”<sup>17</sup>. De salientar que a nossa cultura está repleta de referências marcadas pelo cristianismo, como por exemplo, as festas religiosas em homenagem a um santo padroeiro, o calendário, o dia de domingo e os dias santos, as igrejas e monumentos, a música, a literatura e a pintura. Na escola os alunos adquirem conhecimentos científicos. Mas este aspeto do currículo não é suficiente. Se pretendemos implementar uma educação integral, não basta apostar naquela que se debruce apenas sobre o quotidiano. A escola não deve limitar-se a instruir. Tem também de educar os valores e inculcar nos alunos uma dimensão crítica e reflexiva em relação ao que se

---

<sup>12</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 5.

<sup>13</sup> António Salas, Joseph Gevaert e Robert Gianatelli, *Didáctica de la Enseñanza de la Religión* (Madrid: CCS, 1993), 16.

<sup>14</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade* (Lisboa: SNEC, 2006), 6.

<sup>15</sup> Cf. Salas, Gevaert e Gianatelli, *Didáctica*, 26.

<sup>16</sup> Congregação para a Educação Católica, *Educar na escola. Documento do Magistério para a Educação* (Prior Velho: Paulinas, 2007), 18.

<sup>17</sup> Salas, Gevaert e Gianatelli, *Didáctica*, 20.

passa à sua volta. É enorme a importância do papel da escola na educação dos alunos. É aí que os alunos adquirem conhecimentos científicos. A Igreja Católica está presente na generalidade das escolas do Sistema Educativo Português, tanto no setor público como no setor privado, procurando assim “proporcionar aos educandos, a visão cristã do mundo, do Homem e de Deus”<sup>18</sup>, ao mesmo tempo que deseja contribuir para a formação integral dos alunos<sup>19</sup>.

Na fidelidade à sua missão específica, a Igreja propõe, numa dinâmica de liberdade, os caminhos pelos quais se pode concretizar a sua ação pedagógica “junto da família, das escolas públicas ou católicas e das instituições escolares estatais ou privadas”<sup>20</sup>. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, no ensino básico e secundário é de oferta obrigatória<sup>21</sup> mas de caráter facultativo, de livre escolha, por parte dos Encarregados de Educação que não devem ser impedidos de inscrever os seus educandos na disciplina, se assim o desejarem<sup>22</sup>. Aqui se afirma que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica deve fazer parte dos planos curriculares de todos os níveis de ensino. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica está ao dispor de todos os alunos, cristãos ou não cristãos, ateus ou agnósticos, preparando-os interiormente, abrindo espaço para uma cultura dos valores que formam, de uma maneira positiva, a personalidade do aluno<sup>23</sup>, ajudando-os na sua “integração na educação geral”<sup>24</sup>. Esta disciplina, enquanto serviço à educação integral dos alunos, merece o reconhecimento da componente religiosa<sup>25</sup> na formação dos jovens, dado que esta dimensão, sendo constitutiva da dimensão humana, os ajudará a encontrar um sentido para a sua existência<sup>26</sup>. Como tal poderá dar resposta às inquietações e às interrogações por eles levantadas em face da realidade que os cerca, ao mesmo tempo que proporá um sentido às questões que a vida lhes pode colocar<sup>27</sup>.

---

<sup>18</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, (Lisboa: SNEC, 2006), 1.

<sup>19</sup> Cf. Congregação para a Educação Católica, *Educar na escola. Documento do Magistério para a Educação* (Prior Velho: Paulinas, 2007), 12.

<sup>20</sup> SNEC, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo*, 1.

<sup>21</sup> Cf. Decreto-Lei nº70/2013 de 23 de maio, Diário da República 99, I Série, Ministério da Educação (Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda).

<sup>22</sup> Cf. Decreto-Lei nº407/89 de 16 de novembro, Diário da República 264, I Série, Ministério da Educação (Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda).

<sup>23</sup> SNEC, *Um valioso contributo*, 9.

<sup>24</sup> Congregação para a Educação Católica, *Educar na escola*, 13.

<sup>25</sup> Cf. SNEC, *Um valioso contributo*, 6.

<sup>26</sup> Cf. Congregação para a Educação Católica, *Educar na escola.*, 90.

<sup>27</sup> Cf. *Ibidem*, 6.

Para alcançar estas finalidades e, estando a disciplina inserido no Sistema Educativo Português, há o dever de apresentar o mesmo rigor científico e didático que as demais disciplinas que integram o currículo, para que lhe seja atribuído o mesmo tratamento<sup>28</sup>. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem em vista “a rejeição de todas as formas de alienação do ser humano”<sup>29</sup>. Trata-se de uma disciplina que pode desenvolver, potenciar e completar a ação educativa da própria escola. Não pode, nem deve, ser considerada uma disciplina que a lei impõe à escola e que esta é forçada a aceitar. As aulas de Educação Moral e Religiosa Católica oferecem aos alunos a possibilidade de se desenvolverem integralmente como seres humanos. Perante este dado, podemos afirmar que “a Educação Moral e Religiosa Católica interessa à escola”<sup>30</sup>, visto que pode contribuir para o desenvolvimento das dimensões corporal e espiritual dos alunos, criando nestes a ideia de que cada um deles poderá contribuir para melhor o contexto em que está inserido<sup>31</sup>. Cabe à escola estabelecer a ponte entre os vários alunos e todo um património científico, cultural, ético, estético e artístico através do qual poderão adquirir competências e aprender a integrar-se socialmente<sup>32</sup>. A presença da Igreja nas escolas manifesta-se através da frequência das aulas de Educação Moral e Religiosa Católica, dos seus docentes e dos alunos cristãos ou não, que nela se matriculam. Esta presença justifica-se dada a dimensão moral e religiosa de todo e qualquer ser humano.

## **2. A identidade da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica**

Sendo a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica considerada uma disciplina curricular tal como todas as outras, verifica-se, no entanto, que, na prática nem sempre é respeitada, aceite ou colocada no mesmo patamar das restantes. A sua identidade para pela distinção em relação às outras disciplinas e em relação à catequese. A Educação Moral e Religiosa Católica distingue-se da catequese ao nível do espaço de atuação, das finalidades, dos destinatários e dos conteúdos. Referir-se-á que a Educação Moral e Religiosa Católica, no contexto escolar “tem em vista o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças, dos jovens e a qualidade do progresso da sociedade”<sup>33</sup>. Concretiza as finalidades da Escola,

---

<sup>28</sup> Cf. Congregação para a Educação Católica, *Educar na escola. Documento do Magistério para a Educação* (Prior Velho: Paulinas, 2007), 11.

<sup>29</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *A escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana* (Lisboa: SNEC, 2009), 5.

<sup>30</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade* (Lisboa: SNEC, 2006), 12.

<sup>31</sup> Cf. CEP, *A escola em Portugal*, 14.

<sup>32</sup> Cf. SNEC, *Um valioso contributo*, 9.

<sup>33</sup> *Ibidem*, 1.

utilizando para o efeito métodos escolares. Porém, a Educação Moral e Religiosa Católica tem uma especificidade própria que se traduz no facto de ter como missão “penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes”<sup>34</sup>.

Em relação às suas finalidades, cabe dizer que a disciplina pretende dar ao aluno uma formação integral que o leve à descoberta da própria identidade, ajudando-o a construir um ideal de realização pessoal. A Educação Moral e Religiosa Católica destina-se a alunos em contexto escolar. O fenómeno religioso está presente na vida de uma grande maioria das pessoas, desde o seu nascimento até para além da morte. É importante que o aluno aprenda a interpretar e a analisar a dimensão espiritual do ser humano na linha de uma proposta específica de estar no mundo, que para os católicos se caracteriza por ser humanista. Trata-se de uma proposta plena de sentido, uma vez que vivemos numa sociedade secularizada, quase vazia de referência à transcendência. Por seu lado, a catequese, tem como local de concretização as comunidades eclesiais e como destinatários os catequizandos. A Igreja, ao catequizar, pretende transmitir a Palavra de Deus para que esta seja vivida em comunidade. Quer promover a fé e a conversão. Ensina a Doutrina cristã. Como disciplina escolar que é, a Educação Moral e Religiosa Católica deve apresentar-se como uma disciplina de rigor, sistematizada e com um método que se traduz na “reflexão e partilha sobre a experiência humana; aprofundamento teórico, com base na Sagrada Escritura, na tradição cristã e nos dados das ciências; síntese e prática de vida”<sup>35</sup>. Cabe ao docente de Educação Moral e Religiosa Católica, agente mediador do processo de ensino/aprendizagem, educar e ensinar os seus alunos para que estes obtenham as mais diversas competências. A Escola deve garantir a aquisição de um certo número de aprendizagens<sup>36</sup>.

O Decreto-Lei nº 240 de 2001 define o perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos Ensinos Básico e Secundário do Sistema Educativo Português. Sendo a Educação Moral e Religiosa Católica uma disciplina carregada de especificidades, com a sua identidade própria, também o professor da disciplina deve ser portador das condições gerais atribuídas a todos os professores do sistema, para além das condições específicas que lhe são exigidas. E quais são essas particularidades? Ainda que

---

<sup>34</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade* (Lisboa: SNEC, 2006), 8.

<sup>35</sup> SNEC, *Um valioso contributo*, 11.

<sup>36</sup> Cf. Maria do Céu Roldão, *Gestão do Currículo e avaliação de competências. As questões dos professores*, 8ª edição, (Lisboa: Editorial Presença, 2003), 15.

nomeados pelo Ministério da Educação, os professores de Educação Moral e Religiosa Católica são propostos pelos bispos. Devem é ser portadores de formação científica e pedagógica adequadas à tarefa que vão realizar<sup>37</sup>. O professor de Educação Moral e Religiosa Católica não é apenas um transmissor de conhecimentos. Deve ser e dar testemunho<sup>38</sup>.

Para além destes atributos, não basta uma excelente formação académica. É necessário que o professor de Educação Moral e Religiosa Católica veja a sua missão como uma vocação capaz de transmitir um testemunho que seja sinal<sup>39</sup>. É fundamental a presença e atuação do professor de Educação Moral e Religiosa Católica na escola. Apreciados por alguns, vigiados de perto por muitos outros e visto por uma minoria como alguém que está na escola porque não tem lugar num outro domínio qualquer, os professores de Educação Moral e Religiosa Católica são ou deveriam ser pessoas de diálogo com os seus pares e alunos, procurando sempre manter uma constante colaboração com os pais que são os primeiros educadores<sup>40</sup>. Os docentes de Educação Moral e Religiosa Católica, devem ter em conta que não transmitem a “sua própria doutrina”<sup>41</sup>, antes terão em vista “a transmissão da verdade”<sup>42</sup> e cumprir as diretivas e os conteúdos expressos no Programa da disciplina.

### **3. Fundamentação da presença da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas**

A presença da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas justifica-se plenamente no sentido de que ajudará o aluno a compreender-se como pessoa que é e a encontrar a resposta para a seguinte pergunta: o que é o Homem?<sup>43</sup>. Por outro lado, antropologicamente ajudará na reflexão sobre a sociedade e a cultura, para as quais a escola prepara os alunos. O ser humano, como ser cultural que é, está rodeado de símbolos que é necessário perceber e respeitar. A escola terá em conta este aspeto importante do ser humano, visto que a cultura engloba em si tudo o que respeita e é comum à consciência coletiva de um povo<sup>44</sup>. Também deverá preparar os alunos para que estes, de forma crítica, se insiram na

---

<sup>37</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade* (Lisboa: SNEC, 2006), 5.

<sup>38</sup> Cf. Congregação para a Educação Católica, *Educar na escola. Documento do Magistério para a Educação* (Prior Velho: Paulinas, 2007), 72-74.

<sup>39</sup> Cf. SNEC, *Um valioso contributo*, 5.

<sup>40</sup> Cf. *Ibidem*, 7.

<sup>41</sup> Congregação para a Educação Católica, *Educar na escola*, 73.

<sup>42</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *A escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, (Lisboa: SNEC, 2009), 20.

<sup>43</sup> Mariano Moreno Villa (dir.), *Dicionário do Pensamento Contemporâneo* (São Paulo: Paulus, 2000), 48.

<sup>44</sup> Cf. Luís González Carvajal, *Entre la utopía y la realidad* (Bilbao: Sal Terrae, 1998), 263.

sociedade, contribuindo para a sua transformação e enriquecimento em todos os seus âmbitos: cívicos, educacionais, sociais, jurídicos, políticos e éticos<sup>45</sup>. Em sentido antropológico, o sujeito da cultura não é apenas singularmente considerado<sup>46</sup>. Com os outros, os indivíduos necessitam de aprender a cultivar o seu espírito e a procurar um sentido pessoal para a vida. Vivendo em sociedade, “o indivíduo não é na origem um puro *eu* isolado de todos os outros [...] só no conjunto de um mundo humano comum se encontra o indivíduo consigo mesmo”<sup>47</sup>.

Vivemos num tempo de secularização e numa sociedade que, aparentemente, não necessita de recorrer à religião para legitimar a sua existência. Basta para o efeito, assim se acredita, a celebração de um contrato social<sup>48</sup> e a crença no poder da ciência e da tecnologia para a solução dos problemas<sup>49</sup>. Para alguns, só o conhecimento científico dá sentido ao real, mas a religião dá sentido às questões do universo e da vida<sup>50</sup>. Há, aparentemente, uma dicotomia entre o ser humano e a religião. O “secularismo priva do sentido último da vida”<sup>51</sup>. A pós-modernidade colocou em causa a modernidade. Rompendo com ela, propõem a construção de um Homem novo, que vive uma crise de valores, onde impera o vale tudo, o individualismo e a liberdade individual. Neste quadro, afirmar-se-á que “a cultura pós-moderna é um vetor de alargamento do individualismo”<sup>52</sup>. Assiste-se à recusa da razão e do religioso<sup>53</sup>. Estamos perante uma crise de valores. De acordo com o filósofo Gilles Lipovetsky, podemos afirmar que vivemos uma revolução individualista<sup>54</sup>. A pós-modernidade substituí a ética pela estética, uma vez que rejeita a dimensão histórica do ser humano<sup>55</sup>.

Perante este quadro de conflito, a antropologia pode ajudar a escola a dar uma resposta adequada às questões que a sociedade lhe coloca e a ter em conta o contexto cultural e social no qual a escola e o seu currículo estão inseridos. A cultura abarca todos os bens espirituais que humanizam o indivíduo e todas as dimensões do saber, assim como as visões religiosas ou

---

<sup>45</sup> Cf. António Salas, Joseph Gevaert e Robert Gianatelli, *Didáctica de la Enseñanza de la Religión* (Madrid: CCS, 1993), 81.

<sup>46</sup> Cf. Carvajal, *Entre la utopía y la realidad* (Bilbao: Sal Terrae, 1998), 264.

<sup>47</sup> Emerich Coreth, *O que é o Homem? Elementos para uma antropologia filosófica* (Lisboa/São Paulo: Verbo, 1998), 58.

<sup>48</sup> Cf. Luís González Carvajal, *Entre la utopía*, 267.

<sup>49</sup> Cf. *Ibidem*, 267.

<sup>50</sup> Cf. Alfredo Dinis e João Paiva, *Educação, ciência e religião*, 1ª edição, (Lisboa: Grávida, 2010), 39

<sup>51</sup> Carvajal, *Entre la utopía*, 268.

<sup>52</sup> Gilles Lipovetsky, *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo* (Lisboa: Relógio d'água, 1983), 13.

<sup>53</sup> Cf. Carvajal, *Entre la utopía*, 280-282.

<sup>54</sup> Cf. Lipovetsky, *A era do vazio*, 7.

<sup>55</sup> Cf. Carvajal, *Entre la utopía*, 280.

poéticas do mundo. Por ser assim, a cultura deve estar aberta ao absoluto e ao transcendente. Não podemos ignorar que a fé religiosa católica impulsionou, no mundo onde esteve e está implementada, a criação artística e cultural<sup>56</sup> que não se esgota em crenças e práticas do âmbito da cultura<sup>57</sup>. Faz parte da cultura portuguesa o reconhecimento da religião católica e o papel por esta exercido, ao longo do tempo, na sociedade portuguesa.

Em função de tudo o que se acaba de dizer, a presença da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, na escola, reveste-se da maior importância no que diz respeito à educação e à transmissão de todos estes valores. Há a referir também que “uma determinada comunidade religiosa por causa dos seus laços históricos e culturais com uma nação pode eventualmente ser alvo de apoios particulares por parte do estado”<sup>58</sup>, sem no entanto discriminar as demais confissões religiosas. Por isso a pertinência do ensino da Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas onde tem em vista educar todas as dimensões do ser humano.

Educar pode entender-se como “a influência intencionada a um ser humano em crescimento, no sentido de o formar como pessoa em relação com outra pessoa”<sup>59</sup>. A escola também tem a missão de educar para os valores humanos. Para alcançar este objetivo, a Educação Moral e Religiosa Católica desenvolverá nos alunos um comportamento humano responsável, tornando-o capaz de efetuar um juízo ético em relação a um ato correto, considerando-o bom ou mau<sup>60</sup>. É verdade que muitos dos valores éticos inseridos no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica são partilhados por muitas pessoas, ainda que não sejam católicas ou cristãs. Tal se explica pelo facto de a cultura ocidental ter na sua matriz o cristianismo<sup>61</sup>. A Educação Moral e Religiosa Católica é culturalmente importante também pela formação que dá aos alunos, em termos de cidadania. Ao educar para os valores, “pretende tornar possível uma integração efetiva dos nossos alunos na sociedade em que vivem”<sup>62</sup>. Importante também criar cidadãos livres e responsáveis, capazes de agir socialmente em termos de solidariedade e de serviço aos outros e na promoção de uma cidadania ambiental.

---

<sup>56</sup> Cf. Roland Minnerath, *Para uma ética social universal. A proposta católica*, trad. Vítor Coutinho, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009), 78.

<sup>57</sup> Cf. Manuel Clemente, *A fé do povo. Compreender a religiosidade popular* (Lisboa: Paulus, 2002), 56.

<sup>58</sup> Minnerath, *Para uma ética social universal*, 85.

<sup>59</sup> Mariano Moreno Villa (dir.), *Dicionário do Pensamento Contemporâneo* (São Paulo: Paulus, 2000), 234.

<sup>60</sup> Cf. José Román Flecha Andrés, *Sapientia Fidei. Serie de Manuales de Teología. Teología moral fundamental* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001), 58-59.

<sup>61</sup> Villa (dir.), *Dicionário*, 2000, 288.

<sup>62</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 23.

Pedagogicamente, também a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, desempenha um papel importante na educação integral do aluno<sup>63</sup> tornando-o capaz de fazer a síntese entre “a cultura e fé e entre fé e vida”<sup>64</sup>.

Sendo o Homem um ser necessitado de uma educação integral, é imperioso integrar no currículo escolar a educação religiosa. Esta posição justifica-se por se considerar que “a dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana”<sup>65</sup>. Escola e sociedade estão interligadas de tal modo que não se podem ignorar os valores e atitudes que os alunos apreenderam com a família e no meio em que estão inseridos. É ainda importante referir que, um currículo representa todo o conhecimento reconhecido por uma dada sociedade e do qual deve fazer parte o ensino religioso escolar. Tendo a escola uma função cultural<sup>66</sup>, importa que esta insira no seu currículo uma disciplina que divulgue toda a riqueza do património cultural e artístico da Igreja Católica. Como tal, a escola em geral e a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica em particular, devem defender os valores morais e culturais dos progenitores dos alunos<sup>67</sup>, visto que “os pais são os primeiros educadores”<sup>68</sup> dos seus filhos.

Como projeto que é, o currículo deverá ter na sua base “ideias, valores, atitudes e crenças”<sup>69</sup>. A educação escolar deve assentar “num projeto de natureza axiológica e antropológicamente fundamentado”<sup>70</sup>, o que equivale a afirmar que faz sentido a inclusão da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no currículo escolar. Está fora de questão que “enquanto instituição, a escola transmite e inculca determinados valores que o Estado tem o dever de promover. O currículo deve ser entendido por todos (Estado, escola e professores) como um projeto marcado tanto pelo universalismo quanto pelo relativismo do que realmente é aprendido”<sup>71</sup>. A escola deverá ser “capaz de definir as opções, as propostas e os contornos das políticas educativas que, coerentemente, o levem à prática”<sup>72</sup>. O projeto educativo de uma

---

<sup>63</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade* (Lisboa: SNEC, 2006), 1.

<sup>64</sup> Congregação para a Educação Católica, *Educar na escola. Documento do Magistério para a Educação* (Prior Velho: Paulinas, 2007), 19.

<sup>65</sup> SNEC, *Um valioso contributo*, 6.

<sup>66</sup> Cf. Congregação para a Educação Católica, *Educar na escola.*, 20.

<sup>67</sup> Cf. José Augusto Pacheco, *Currículo: teoria e praxis*, Porto: Porto Editora, 2001, 53-54.

<sup>68</sup> SNEC, *Um valioso contributo*, 7.

<sup>69</sup> Pacheco, *Currículo*, 57.

<sup>70</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *A escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, Lisboa: SNEC, 2009, 3.

<sup>71</sup> José Augusto Pacheco, *Currículo: teoria e praxis*, Porto: Porto Editora, 2001, 59.

<sup>72</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *A escola em Portugal*, 4.

escola deve respeitar as opções consagradas na lei. A possibilidade de concretização do ensino religioso<sup>73</sup>.

Este projeto terá em conta a cultura no seio da qual o processo educativo se desenvolve. Aí, dever-se-á promover uma cultura na qual estão presentes valores como a paz, a justiça e a verdade. Importa dar ênfase a este último valor dado que a escola, ao versar também sobre a realidade do ser humano, deve dar a conhecer a “sua origem e o seu destino transcendente”<sup>74</sup>, ajudando os alunos a construir a sua “liberdade ética”<sup>75</sup>.

Cabe aqui a defesa de uma educação total dos alunos em contexto escolar, de uma educação que promova a dignidade humana e a defesa dos direitos humanos, não esquecendo a “da liberdade constitucionalmente consignada de aprender e ensinar”<sup>76</sup>, numa sociedade pluralista e democrática. Sendo muito importante o papel a desenvolver pelo Estado na dinamização de uma educação global dos jovens, convém não esquecer, que, em primeira linha, incumbe aos pais o dever e o direito de educar os seus filhos<sup>77</sup>, escolhendo o projeto educativo, que obrigatoriamente, por força da lei, incluirá no seu currículo a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, optando pela sua frequência ou não, dado o seu carácter facultativo<sup>78</sup>. A principal responsabilidade na educação dos filhos cabe aos pais, o que implica que o Estado deva respeitar as exigências que aqueles poderão colocar na concretização deste direito, ao mesmo tempo, deve criar as condições objetivas de implementação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica na escola pública<sup>79</sup> para que, querendo, e em liberdade, se possa optar por ela. As entidades públicas não podem ignorar o direito que os pais têm “de determinar a forma de educação religiosa que se há-de dar aos seus filhos, de acordo com as suas próprias convicções religiosas”<sup>80</sup>.

---

<sup>73</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade* (Lisboa: SNEC, 2006), 9

<sup>74</sup> SNEC, *Um valioso contributo*, 5.

<sup>75</sup> Congregação para a Educação Católica, *Educar na escola. Documento do Magistério para a Educação* (Prior Velho: Paulinas, 2007), 17.

<sup>76</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *A escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, Lisboa: SNEC, 2009, 17.

<sup>77</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965), Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, (7 de dezembro de 1965) (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1976), nº2.

<sup>78</sup> Cf. SNEC, *Um valioso contributo*, 6.

<sup>79</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965), Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, nº7.

<sup>80</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965), Declaração *Dignitatis Humanae* (7 de dezembro de 1965) (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1976), nº5.

A ausência da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas, implicaria a exclusão da formação religiosa dos alunos, o que resultaria na violação de um direito dos pais, legalmente fundamentado. De realçar a matriz religiosa católica da sociedade portuguesa, que nos mostra que muitos dos nossos alunos são oriundos de famílias com alguma formação religiosa, não obstante a presença de realidades inerentes à modernidade e à pós-modernidade, o ateísmo, o agnosticismo, o conflito entre a fé e a razão. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem como missão fazer a ponte entre a fé e a cultura, entre a fé e a razão<sup>81</sup>, numa escola que prepara os jovens, para que, numa atitude de abertura à realidade, elaborem uma determinada compreensão da vida<sup>82</sup>, contribuindo assim para a “formação global do aluno”<sup>83</sup>.

A presença da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica na escola pública é importante porque ajuda os alunos na busca do sentido último da vida, o qual não se encontra na ciência ou na tecnologia, dimensões tão características da cultura do nosso tempo. São realidades importantes na nossa sociedade mas não sendo únicas, não devem afastar a dimensão religiosa da condição humana. A ciência e a tecnologia perguntam para que serve e como funciona em termos utilitários, quase esquecendo a dimensão ética do ser humano<sup>84</sup>.

---

<sup>81</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade* (Lisboa: SNEC, 2006), 13.

<sup>82</sup> Cf. Congregação para a Educação Católica, *Educar na escola. Documento do Magistério para a Educação* (Prior Velho: Paulinas, 2007), 18.

<sup>83</sup> SNEC, *Um valioso contributo*, 8.

<sup>84</sup> Cf. Luís González Carvajal, *Entre la utopía y la realidad* (Bilbao: Sal Terrae, 1998), 269-270.

## CAPÍTULO II – ÉTICA E ECOLOGIA – CONCEITOS E PROBLEMATIZAÇÃO

### 1. Conceito de Ecologia

O conceito de ecologia foi introduzido por Ernst Haeckel, em 1866, “é etimologicamente proveniente da associação dos dois substantivos gregos *oikos*=eco (morada) e *logos* (consciencialização). Resulta da ideia de morada que se possui e da consciencialização sobre o ambiente em que se habita”<sup>85</sup>.

Segundo o Papa Francisco, na Carta Encíclica *Laudato Si'*, a ecologia “estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. E isto exige sentar-se a pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência duma sociedade, com a honestidade de pôr em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo. Nunca é demais insistir que tudo está interligado”<sup>86</sup>.

#### 1.1. Alguns documentos da Igreja e intervenções do Magistério Papal

O Papa João Paulo II, aquando da sua mensagem para o XXIII Dia Mundial da Paz, no ano de 1990, referia a “falta do respeito devido à natureza”<sup>87</sup> como uma das ameaças à paz. Também o Papa Emérito Bento XVI refere esta questão na sua Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, quando escreve: “A paz dos povos e entre os povos permitiria também uma maior preservação da natureza”<sup>88</sup>. Este é um problema que pode afetar a humanidade no seu todo e que precisa de ser repensado, não somente por colocar em perigo a vida neste planeta, mas por uma necessidade inerente ao Cristianismo. Os cristãos, que acreditam que Deus criou um mundo organizado, um cosmos e não um caos, têm a obrigação moral de respeitar esse cosmos e de salvaguardar a sua integridade<sup>89</sup>.

O mesmo Papa João Paulo II, na Encíclica *Evangelium Vitae*, refere no número 42, a importância da salvaguarda do ambiente vital, não só para o ser humano, mas também para os

---

<sup>85</sup> Ernst Haeckel, *Generelle Morphologie der Organismen*, Vol. I (Berlin), 8 (tradução própria).

<sup>86</sup> Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si'*. *Sobre o cuidado da nossa casa comum*, (24 de maio de 2015) (Lisboa: Paulus Editora, 2015), n°138.

<sup>87</sup> [w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19891208\\_xxiii-world-day-for-peace.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace.html) (consultado a 24 de março de 2017).

<sup>88</sup> Papa Emérito Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (s9 de junho de 2009) (Lisboa: Paulus Editora, 2009), n°51.

<sup>89</sup> Cf. [w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19891208\\_xxiii-world-day-for-peace.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace.html) (consultado a 24 de março de 2017).

outros seres vivos<sup>90</sup>. O Papa destaca a importância desta questão para o ser humano, para as gerações futuras, mas também fala dos outros seres vivos. Não é só por nossa causa, seres humanos, que devemos proteger a vida no planeta pois não somos as únicas criaturas que Deus ama.

Um outro documento *obrigatório* de abordar é o Compêndio da Doutrina Social da Igreja<sup>91</sup>. Este documento, embora não seja da responsabilidade de um Papa, mas do Conselho Pontifício Justiça e Paz, pretende dar a conhecer, de forma organizada, o pensamento da Igreja sobre o campo social, abordando também a temática da ecologia. É importante referir que este documento considera o tema da ecologia tão importante que lhe dedica todo o capítulo X, intitulado *Proteger o Ambiente*.

Até mesmo fora do referido décimo capítulo, dedicado ao ambiente, quando o documento aborda a globalização, o último aspeto que salienta é a necessidade de existir uma solidariedade entre as gerações. Esta atitude de solidariedade deveria passar por não descarregar os custos atuais nas próximas gerações, mas começar já hoje a cuidar e a preservar o planeta. Indo mais longe, o documento afirma que a atitude de deixar as consequências dos nossos atos para as gerações futuras, é moralmente ilícito, pois implica uma fuga às responsabilidades e, para além de ser ilícito, é economicamente contraproducente, pois fica mais custoso corrigir um dano do que evitá-lo. Este princípio também é aplicado aos recursos terrestres e à salvaguarda da criação, considerando o planeta como um único ecossistema<sup>92</sup>.

Estes pontos são da maior importância, pois demonstram que os cristãos (e os seres humanos de boa vontade) devem pensar a longo prazo, pensando não só nas consequências imediatas, mas também naquelas que só se verificam a longo prazo, como por exemplo, o aquecimento global. O ser humano não é somente responsável pelo que acontece no imediato, mas tem, também, de pensar no bem das gerações futuras. No n.º 466 do Compêndio da Doutrina Social da Igreja esta questão está bem presente; senão vejamos: “A tutela do ambiente constitui um desafio para toda a humanidade: trata-se do dever, comum e universal, de respeitar um bem coletivo, destinado a todos, impedindo que se possa fazer «impunemente uso das diversas categorias de seres, vivos ou inanimados — animais, plantas e elementos naturais — como se

---

<sup>90</sup>Cf. [w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031995\\_evangelium-vitae.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html) (consultado a 20 de março de 2017).

<sup>91</sup>Cf. Conselho Pontifício Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (Cascais: Principia, Publicações Universitárias e Científicas, 2005).

<sup>92</sup> Cf. *Ibidem*, n.º367.

quiser, em função das próprias exigências». É uma responsabilidade que deve amadurecer com base na globalidade da presente crise ecológica e à conseqüente necessidade de enfrentá-la globalmente, enquanto todos os seres dependem uns dos outros na ordem universal estabelecida pelo Criador: «é preciso ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado, qual é exatamente o cosmos»<sup>93</sup>.

É de enaltecer que o Compêndio da Doutrina Social da Igreja considere o desenvolvimento científico como algo positivo, mas relembra da necessidade que este esteja orientado para o bem individual mas também coletivo (referindo-se ao princípio do destino universal dos bens)<sup>94</sup>, não só no imediato mas também a longo prazo, para o ser humano e para os restantes seres vivos<sup>95</sup>.

É necessário que se adotem novos estilos de vida que privilegiem o valor da solidariedade universal e que respeitem a criação<sup>96</sup>.

O princípio da precaução<sup>97</sup>, ou seja, o cuidado que se deve tomar quando não se tem a certeza dos riscos que comporta uma dada atitude, deve ser levado a sério.

A criação também aguarda a libertação da corrupção e a plena revelação dos filhos de Deus (Rm 8,19.21). De certa forma, este mundo também aguarda a manifestação plena da glória de Cristo. É para Deus que devemos olhar quando nos relacionamos com as coisas por Ele criadas e a nós entregues.

Na Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, o Papa João Paulo II refere, no número 28 que “A experiência dos anos mais recentes demonstra [...] que se toda a massa dos recursos e das potencialidades, postos à disposição do homem, não for regida por uma *intenção moral* e por uma orientação no sentido do verdadeiro bem do género humano, ela volta-se facilmente contra ele para o oprimir”<sup>98</sup>.

Os Bispos portugueses num documento que dedicaram à pastoral juvenil, no ano de 2002, salientaram alguns pontos importantes na formação pessoal dos jovens. Dentre estes

---

<sup>93</sup> Conselho Pontifício Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (Cascais: Principia, Publicações Universitárias e Científicas, 2005), nº466.

<sup>94</sup> Cf. *Ibidem*, nº481-485.

<sup>95</sup> Cf. *Ibidem*, nº458-459.

<sup>96</sup> Cf. *Ibidem*, nº486.

<sup>97</sup> Cf. *Ibidem*, nº469.

<sup>98</sup> Papa João Paulo II, Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, (30 de dezembro de 1987) (Lisboa: Edições Paulistas, 1988), nº28.

destacam-se o dever ecológico e referem também alguns aspetos da vida diária relativamente ao uso dos bens<sup>99</sup>. Estes dois pontos são aspetos a tomar em consideração numa postura ecológica.

Numa outra ocasião, os Bispos portugueses reafirmaram a importância de se “estimular os valores éticos”<sup>100</sup>. Este é um ponto que acho fundamental desenvolver durante as aulas, pois considero que só um espírito contemplativo nos pode conduzir mais facilmente a um olhar mais pacífico da criação, deixando de lado a posse e o domínio, dando destaque à atitude de habitar o planeta para bem de todos.

É de referir que, embora o contacto de um professor estagiário com os alunos seja muito reduzido, ele não se esqueça da importância do exemplo. De facto, os alunos aprendem mais pelo que observam do que por aquilo que ouvem. Os Bispos destacam ainda a importância do exemplo de outros membros da comunidade educativa, como, por exemplo, os auxiliares de ação educativa que, também através do seu exemplo, podem educar os alunos<sup>101</sup>.

Também na Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, o Papa Emérito Bento XVI, escreve a respeito, e com preocupação, acerca do meio ambiente e da forma como o ser humano tem cuidado da criação e de todas as espécies que habitam no planeta. No nº48 da referida Carta Encíclica, sobre o ambiente natural, o Papa Emérito escreve: “Este foi dado por Deus a todos, constituindo o seu uso uma responsabilidade que temos para com os pobres, as gerações futuras e a humanidade inteira. Quando a natureza, a começar pelo ser humano, é considerada como fruto do acaso ou do determinismo evolutivo, a noção da referida responsabilidade debilita-se nas consciências. Na natureza, o crente reconhece o resultado maravilhoso da intervenção criado de Deus, de que o homem se pode responsabilmente servir para satisfazer as suas legítimas exigências – materiais e imateriais – no respeito dos equilíbrios intrínsecos da própria criação”<sup>102</sup>. Um pouco mais à frente, Bento XVI, fala sobre a relação que o ser humano deve desenvolver com a natureza, defendendo que tudo e todos estamos interligados e que, se queremos salvar este nosso planeta devemos, desde já, adotar novos estilos de vida. “O modo como o homem trata o ambiente influi sobre o modo como se trata a si mesmo, e vice-versa.

---

<sup>99</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Bases para a pastoral juvenil*, (Fátima, 2002), 13.

<sup>100</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral Educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, (Lisboa: Edição do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002), 9.

<sup>101</sup> Cf. *Ibidem*, 19.

<sup>102</sup> Papa Emérito Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, ( 29 de junho de 2009) (Lisboa: Paulus Editora, 2009), nº48.

[...] É necessária uma real mudança de mentalidade que nos induza a adotar novos estilos de vida, «nos quais a busca do verdadeiro, do belo e do bom e a comunhão com os outros homens para um crescimento comum sejam elementos que determinam as opções dos consumos, das poupanças e dos investimentos». [...] A paz dos povos e entre os povos permitiria também uma maior preservação da natureza”<sup>103</sup>

Olhemos, agora, para uma figura da Igreja atual que é o Papa Francisco. No início do seu Pontificado, o Santo Padre comentou que escolheu o nome de Francisco em homenagem a São Francisco de Assis; segundo o que se disse, na altura, com uma preocupação especial pelos pobres. Nos entanto, é de salientar que São Francisco de Assis também é o padroeiro daqueles que se dedicam à causa ecológica.

Na audiência geral do dia 5 de junho de 2013<sup>104</sup>, o Santo Padre abordou a celebração do Dia Mundial do Ambiente, lembrando a passagem do livro do Génesis em que Deus cria e responsabiliza o ser humano para que cultive e guarde o jardim (Gn 2, 15). Esta indicação, segundo o Santo Padre, é válida também hoje para nós. Devemos cuidar e transformar esta terra num jardim e não o fazemos. Muitas vezes somos levados a explorar a criação, instrumentalizámo-la, não a contemplamos, não a escutamos e esquecemos o seu Criador e os pobres, nossos irmãos, na utilização que fazemos dos bens da criação<sup>105</sup>.

O Papa Francisco também enviou uma mensagem ao ministro do Meio Ambiente do Perú, a propósito da Conferência das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas, que decorreu nesse país. Nesse texto, o Santo Padre faz referência ao que será debatido: “incide sobre toda a humanidade, em particular sobre os mais pobres e as gerações vindouras”<sup>106</sup>; e deixa um aviso que é pertinente e que devemos tomar muito a sério: “O tempo para encontrar soluções globais está a acabar. Só podemos encontrar soluções adequadas se agirmos juntos e de comum acordo. Portanto, existe um claro, definitivo e improrrogável imperativo ético de agir”<sup>107</sup>.

---

<sup>103</sup> Papa Emérito Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) (Lisboa: Paulus Editora, 2009), nº51.

<sup>104</sup> Cf. [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco\\_20130605\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130605_udienza-generale.html) (consultado a 23 de março de 2017).

<sup>105</sup> Cf. *Ibidem* (consultado a 23 de março de 2017).

<sup>106</sup> [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco\\_20141127\\_messaggio-lima-cop20.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20141127_messaggio-lima-cop20.html) (consultado a 21 de março de 2017).

<sup>107</sup> *Ibidem* (consultado a 21 de março de 2017).

A 24 de maio de 2015, o Papa Francisco publica a Carta Encíclica *Laudato Si'*. Esta constitui o mais abrangente documento da Igreja dedicado essencialmente à questão ecológica. Um dos pontos que sobressai da sua leitura é precisamente que o Santo Padre não a tenha dirigido unicamente aos católicos, mas a cada pessoa que habita este planeta<sup>108</sup>. É revelante, também, que de entre os autores citados pelo Papa Francisco se encontre o Patriarca Bartolomeu I<sup>109</sup> e que se encontrem no documento duas orações, uma para todos os que acreditam em Deus onipotente e outra específica para os cristãos. De facto, os problemas ambientais não são específicos dos católicos ou dos cristãos, mas afetam toda a humanidade no seu conjunto e todos precisamos de colaborar para os resolver.

Alguns dos pontos essenciais desta Encíclica são enumerados no nº16, como sejam: “a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está intimamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras formas de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida”<sup>110</sup>.

De facto, na Encíclica, o cuidado pelos pobres e o cuidado da natureza estão relacionados, não só porque um deve implicar o outro, mas também porque são os pobres, porque têm menos dinheiro para se defender, quem mais sofre com os desmandos dos seres humanos<sup>111</sup>. Ambos, de certa forma, são frágeis e necessitam de proteção. Muitas vezes o ser humano utiliza a criação de forma egoísta e individualizada, realizando atividades que a destroem e consumindo em excesso. O ser humano tem que se consciencializar de que não é somente porque algo é tecnicamente ou cientificamente possível, que é desejável, que é bom ou que é ético realizá-lo.

É necessário voltar a propor aos jovens o valor da sobriedade, apesar de este ser ou ir contra a cultura dominante<sup>112</sup>. É difícil abordar um documento tão profundo, mas considero importantíssimo que a Encíclica aborde, não só os problemas ambientais existentes atualmente,

---

<sup>108</sup> Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si'*. *Sobre o cuidado da nossa casa comum* (24 de maio de 2015) (Lisboa: Paulus Editora, 2015), nº3.

<sup>109</sup> *Ibidem*, nº7-9.

<sup>110</sup> *Ibidem*, nº105.

<sup>111</sup> *Ibidem*, nº15.

<sup>112</sup> Cf. Eduardo Duque, *O jovens e a religião na sociedade atual. Comportamentos, crenças, atitudes e valores no distrito de Braga* (Braga: Instituto Português da Juventude, 2007), 27.

mas também a necessidade de nos convertermos. Não é só porque algo é possível e rentável que significa que seja bom. Devemos entrar numa lógica de contemplação e não de posse ou consumo. Outro ponto que destaco é a chamada ecologia integral, colocando o ser humano e o seu trabalho no centro, mas incluindo aí os pobres, os deserdados, os que vivem nas periferias humanas. Esta atenção do Santo Padre ao ser humano, aos seus problemas e dificuldades é algo a ser salientado, dada a relação que tem com os problemas ambientais. Acentuando tudo isto com o valor de um diálogo que seja capaz de articular o mundo todo. Todos necessitamos uns dos outros e todos estamos relacionados. Então devemos trabalhar em conjunto para atingirmos os mesmos objetivos.

## 2. Conceito de ética

A palavra ética deriva do termo grego *ethos*, cujo significado original era *morada*, passando, mais tarde a significar *modo de ser*. Hoje poder-se-á dizer que a ética é uma disciplina do âmbito filosófico, que reflete sobre a moral, procurando fundamentar o porquê da ação.

Podemos falar de uma grande variedade de *ethos*. Cada cultura apresenta o seu próprio conceito de ética. Todas as variantes da ética têm como objeto dizer o que é bem ou o que é mal.

A ética tem como objetivo “o estudo dos princípios que devem nortear o Homem como ser eminentemente social”<sup>113</sup> e necessita de “um conjunto de valores e critérios que servem para dar a toda a ação, uma conotação de boa ou de má”<sup>114</sup>. Trata-se de um tipo de saber que usa o mesmo rigor, métodos e análise comuns à filosofia.

Ainda que se considere a ética como filosofia moral e, por outro lado, se afirme que aquela não segue um código moral previamente estabelecido que englobe princípios, valores, preceitos e normas, não se pode afirmar que seja neutral em relação a esses mesmos códigos. A ética está comprometida com certos valores, o que a obriga a denunciar códigos morais incorretos ou a defender outros que se apresentam aceitáveis.

---

<sup>113</sup> Raquel Gonçalves, *Ciência, pós-ciência e meta ciência: Tradição, inovação e renovação*, 2ª Edição (Lisboa: Terramar, 1997), 133.

<sup>114</sup> Marcos Arruda e Leonardo Boff, *Globalização: desafios socioeconómicos, éticos e educativos*, 3ª Edição (Petrópolis: Vozes Petrópolis, 2002), 34.

### 3. Paradigmas éticos

De acordo com Adela Cortina e Emilio Martínez<sup>115</sup>, existem três funções que se podem atribuir à ética, a saber: a de definir o que é moral e quais os seus traços; a de fundamentar a moralidade, averiguando as razões pelas quais os seres humanos se devem esforçar para se poder dizer que vivem moralmente; e, por fim, a aplicação de uma moral crítica racionalmente fundamentada.

Ao longo dos tempos, a validade das normas e dos valores éticos foram sofrendo alterações, o que leva a afirmar que qualquer sistema ético tem carácter transitório<sup>116</sup>.

Neste contexto, as funções da ética são um elemento fundamental na construção dos paradigmas éticos. Neste trabalho apenas serão abordados dois dos paradigmas éticos: o da ética tradicional e o de uma nova ética, designada, a da responsabilidade.

#### 3.1. A natureza e a ética tradicional

A ética ecológica só muito recentemente foi tida em consideração. Não defende uma natureza intocável<sup>117</sup>; as duas perspetivas éticas que aqui serão apresentadas não tratam a natureza de igual modo.

A ética tradicional, ou antropocêntrica, parte de um princípio categórico que se traduz na máxima “age de tal modo que possas desejar que a máxima da tua ação se torne no princípio de uma lei universal”<sup>118</sup>. Assim, o ser humano pauta a sua conduta por princípios concretos e absolutos e a ação humana tem um carácter universal. A ética tradicional apenas se refere à relação do ser humano com outro ser humano, ou do ser humano em relação consigo mesmo, porque “a ética pertencia ao aqui e agora, às ocasiões que fazem os homens, às situações recorrentes e típicas da vida pública e privada”<sup>119</sup>. Por outro lado, o agir humano sobre a natureza era de tal modo fraco, que era esta que acabava por condicionar a atividade do ser humano<sup>120</sup>. Afastava-se do seu âmbito de ação a relação ser humano-natureza, a qual se pensava ser intemporal e inesgotável, algo que podia sofrer todas as agressões por parte do ser humano,

---

<sup>115</sup> Cf. Adela Cortina e Emilio Martínez Navarro, *Ética*, 3ª Edição (Madrid: Akal Ediciones, 2001).

<sup>116</sup> Raquel Gonçalves, *Ciência, pós-ciência e meta ciência: Tradição, inovação e renovação*, 2ª Edição (Lisboa: Terramar, 1997), 134.

<sup>117</sup> Cf. Luís González Carvajal, *Entre la utopía y la realidad* (Bilbao: Sal Terrae, 1998), 187.

<sup>118</sup> Emmanuel Kant, *Crítica da razão prática* (Lisboa: Edições 70, 1986), 42.

<sup>119</sup> Hans Jonas, *Ética, medicina e técnica*, 1ª Edição (Lisboa: Veja, 1994), 33.

<sup>120</sup> Cf. Hans Jonas, *Le Principe Responsabilité. Une éthique pour la civilisation technologique*, 3ª Edição (Paris: Du Cerf, 1995), 21.

sem que desse facto se esperasse qualquer consequência negativa porque “as ações sobre as coisas não humanas não constituíam esfera de autêntico significado ético”<sup>121</sup>. De resto, as referidas agressões eram de pequena soma e não desfiguravam a terra. A ética era neutra em relação à natureza.

Desde sempre, o ser humano agiu sobre a natureza, usando para o efeito o recurso a alguma técnica. Porém, sendo esta de algum modo rudimentar, era incapaz de afetar a essência ou a natureza das coisas<sup>122</sup>. O mesmo é dizer que a ciência e a técnica ainda não ofereciam as ferramentas capazes de alterar o universo<sup>123</sup>.

Por outro lado, tratava-se de uma ação individual, o que indicava um menor prejuízo. Havia, pela parte do ser humano, um respeito pelos ciclos da vida. Ao intervir na natureza, o ser humano não desequilibrava o meio ambiente porque apenas tinha em vista a satisfação das suas necessidades<sup>124</sup>. Não tinha como objetivo alterar a natureza sem uma finalidade predefinida, nem o ser humano detinha os meios técnicos para alterar o equilíbrio da terra<sup>125</sup>. O mal ou o bem que pudesse resultar da ação do ser humano não era relevante porque a noção de bem e de mal apenas se referia às relações que os seres humanos estabeleciam entre si, no âmbito da cidade<sup>126</sup>.

A natureza era tida em pouca consideração pela ética antropocêntrica, apenas preocupada em afirmar o ser humano como o centro das atenções. Os seres humanos na época da ética antropocêntrica entendiam a natureza como algo que permanecia imutável e sempre igual. O sujeito, ao agir, não conseguia prever o resultado dos seus atos. O seu horizonte espacial era limitado, assim como o horizonte temporal. Prevalecia o presente, não existindo preocupação com o futuro ambiental<sup>127</sup>, que se concretizava na duração de uma vida ou de uma geração e, por outro lado, “não se verificavam preocupações de ordem ambiental”<sup>128</sup>. E, para averiguar a dimensão ética do seu agir, valia o critério da boa vontade, da justiça, da honestidade e da caridade. Os efeitos da ação não responsabilizavam ninguém.

---

<sup>121</sup> Hans Jonas, *Ética, medicina e técnica*, 1ª Edição (Lisboa: Veja, 1994), 33.

<sup>122</sup> Cf. Jonas, *Ética, medicina*, 31.

<sup>123</sup> Louis Leprince-Ringuet, *A fé do físico. O testemunho de um cientista*, trad. Abílio Cardoso, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1996), 30.

<sup>124</sup> Cf. Jonas, *Ética, medicina*, 33.

<sup>125</sup> Cf. Alfredo Dinis e João Paiva, *Educação, ciência e religião*, 1ª Edição (Lisboa: Grávida, 2010), 132.

<sup>126</sup> Cf. Jonas, *Ética, medicina*, 29.

<sup>127</sup> Cf. Jonas, *Ética, medicina*, 34-35.

<sup>128</sup> Dinis e Paiva, *Educação, ciência*, 132.

De acordo com a ética antropocêntrica, natureza e cidade eram duas realidades que não se confundiam e que tinham uma aproximação diferente. A natureza era considerada eticamente neutra porque a ação do sujeito sobre ela não causava danos significativos. A ética apenas tinha cabimento nas relações inter-humanas, porque toda a ética tradicional era antropocêntrica. Tinha o ser humano como referência, partia do ser humano e a ele regressava.

Porém, as descobertas científicas e o poder destrutivo e transformador que a técnica pode exercer sobre a matéria vão sentir a necessidade de alargar o âmbito de atuação ética. A ética antropocêntrica foi dando lugar a uma ética com um âmbito de ação mais alargado, quer no espaço quer no tempo, no sentido da globalização<sup>129</sup>. A intervenção da ética na natureza era limitada. Porém, o desenvolvimento da ciência e da técnica moderna alterou esta situação, o que exigiu não só uma ação individual, como também uma ação coletiva capaz de exigir uma ética fundada na responsabilidade de todos, quer quanto ao presente quer quanto ao futuro<sup>130</sup>.

### 3.2. *Novo paradigma ético: o princípio da responsabilidade*

Assume-se hoje a urgência de salvar o planeta Terra; a natureza não pode ser mais considerada como um “mero recurso, digno de ser explorado e saqueado”<sup>131</sup>.

De seguida, terei em conta as palavras de Hans Jonas quando afirma que “enquanto responsabilidade humana, a natureza é certamente um *novum* a ser estudado na teoria ética”<sup>132</sup> porque está em causa a preservação da criação. É assim, porque o planeta Terra é o local onde vivemos e do qual necessitamos para assegurar a nossa sobrevivência. O respeito pelo meio ambiente deve ser levado muito a sério pela grande família humana, se esta quiser sobreviver. Temos vindo a destruir a criação, muitas vezes inconscientemente, outras vezes fazendo tábua rasa dos efeitos que nós, antecipadamente, conhecemos mas que egoisticamente fingimos ignorar. A evolução científica recente leva-nos a pensar que determinados princípios éticos tradicionais já não dão resposta aos problemas ecológicos atuais. É fundamental construir uma ética nova, portadora de outros princípios orientadores da conduta humana<sup>133</sup>.

---

<sup>129</sup> Cf. Hans Jonas, *Le Principe Responsabilité. Une éthique pour la civilisation technologique*, 3ª Edição (Paris: Du Cerf, 1995), 22.

<sup>130</sup> Cf. Hans Jonas, *Ética, medicina e técnica*, 1ª Edição (Lisboa: Veja, 1994), 37.

<sup>131</sup> José António Caride e Pablo Ángel Meira, *Educação ambiental e desenvolvimento humano* (Lisboa: Instituto Piaget, Coleção Horizontes Pedagógicos, 2001), 89.

<sup>132</sup> Jonas, *Ética, medicina*, 38.

<sup>133</sup> Cf. Raquel Gonçalves, *Ciência, pós-ciência e metaciência: Tradição, inovação e renovação*, 2ª Edição, Lisboa: Terramar, 1997, 136.

Os efeitos do desenvolvimento tecnológico devem consciencializar-nos de que, se queremos preservar o planeta Terra, devemos modificar os nossos comportamentos a fim de deixarmos de ser a ameaça e passarmos a fazer parte da defesa de um património que é pertença de toda a humanidade, não só da presente mas também da futura<sup>134</sup>. Torna-se assim essencial falar da necessidade de aplicação de uma ética que salve o futuro sem esquecer o presente.

Sendo o ser humano um ser em constante relação, consigo próprio, com os outros seres humanos e com tudo o que o rodeia, cabe aqui refletir sobre a sua relação com a natureza, com os seus contemporâneos e com todos aqueles que, ainda não tendo nascido, farão num futuro mais remoto, parte da grande família humana “dado o nosso poder de prever, avaliar e ajuizar as consequências do nosso agir no presente”<sup>135</sup>.

O enorme desenvolvimento científico e tecnológico deverá estar ao abrigo da ética<sup>136</sup>, porque as suas consequências não podem apenas ser consideradas de forma positiva visto que também há aspetos negativos a referir e a ter em conta. Perante os avanços da tecnologia, a ética terá de agir, mas fundamentada em novos princípios e valores que respeitem a vida em todas as suas dimensões, incluindo a natureza que, ao contrário do que acontecia com a ética antropocêntrica, será agora considerada algo pela qual o ser humano passa a ser responsável<sup>137</sup>.

### 3.3. *Desenvolvimento sustentável. Ecologia e Valores*

Nunca, como hoje, se falou tanto de desenvolvimento. Trata-se de um tema debatido a todos os níveis e instâncias pelas consequências que apresenta para o bem-estar da humanidade e a preservação da criação. Poder-se-á definir desenvolvimento como “um processo simultaneamente económico, social e cultural”<sup>138</sup>, que permite ao ser humano um maior conhecimento em todos os campos do saber.

A evolução científica não pode dar-se a qualquer custo<sup>139</sup>. O saber científico e a tecnologia desenvolvem uma economia industrializada, voltada para o lucro, mas ao mesmo tempo delapidadora dos recursos não renováveis, encontrando-se muitas vezes em confronto com os valores subjacentes a uma economia tradicional, mais respeitadora da preservação da

---

<sup>134</sup> Cf. Hans Jonas, *Ética, medicina e técnica*, 1ª Edição (Lisboa: Veja, 1994), 57.

<sup>135</sup> *Ibidem*, 57.

<sup>136</sup> Cf. Alfredo Dinis e João Paiva, *Educação, ciência e religião*, 1ª Edição (Lisboa: Grávida, 2010), 48.

<sup>137</sup> Cf. Jonas, *Ética, medicina*, 32.

<sup>138</sup> Roland Minnerat, *Para uma ética social universal. A proposta católica*, trad. Vítor Coutinho (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009), 125.

<sup>139</sup> Cf. Dinis e Paiva, *Educação, ciência e religião*, 111.

natureza. Estas economias, por uma questão de justiça, deveriam poder aceder às novas tecnologias para suprir as suas mais urgentes necessidades<sup>140</sup>.

A maior parte das sociedades contemporâneas oferece má qualidade de vida quer ao ser humano quer aos restantes seres vivos<sup>141</sup>. Os bens da criação a todos pertencem e, conseqüentemente, devem estar ao dispor de toda a humanidade. Tem razão Roland Minnerat ao afirmar que “o destino universal dos bens inclui também a investigação científica e as novas tecnologias”<sup>142</sup> a fim de evitar a diferenciação entre os países industrializados e os países subdesenvolvidos e promover uma sócio economia solidária que valorize a diversidade e uma ética do suficiente<sup>143</sup>.

Porque todos os países têm direitos iguais e inalienáveis, não faz sentido impedir os países subdesenvolvidos dos benefícios da tecnologia. Porém, frequentemente, estes países são explorados pelos países desenvolvidos. Não raro, são vítimas da escassez das matérias-primas e da prática de cultivo de monoculturas cujo resultado é a desertificação e a pobreza. Por isso se afirma que “é urgente encontrar um modelo de desenvolvimento integral e solidário”<sup>144</sup>, capaz de uma “solidariedade geracional”<sup>145</sup>.

Mas não basta falar de desenvolvimento por si mesmo. Falarei, por isso, de desenvolvimento sustentável, isto é, sobre o desenvolvimento que “integre os dados sociais e ambientais nas estratégias económicas”<sup>146</sup>.

Trata-se de um desenvolvimento que pretende afastar a fome, promover a saúde e a alfabetização, ao mesmo tempo que deseja implementar o crescimento económico. É um desenvolvimento progressivo e estável, norteado por princípios éticos dos quais se destacam a responsabilidade, a partilha, a ajuda, a cooperação e a promoção do bem comum, quer das gerações presentes, quer das gerações futuras.

---

<sup>140</sup> Cf. Roland Minnerat, *Para uma ética social universal. A proposta católica*, trad. Vítor Coutinho (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009), 129.

<sup>141</sup> Cf. Leonardo Boff, *Saber cuidar. Ética do ser humano – compaixão pela terra*, 12ª Edição (Petrópolis: Editora Vozes, 1999), 137.

<sup>142</sup> Minnerat, *Para uma ética social*, 129.

<sup>143</sup> Cf. Marcos Arruda e Leonardo Boff, *Globalização: desafios socioeconómicos, éticos e educativos*, 3ª Edição, (Petrópolis: Vozes Petrópolis, 2002), 151-154.

<sup>144</sup> Minnerat, *Para uma ética social universal*, 129.

<sup>145</sup> Leonardo Boff, *Saber cuidar. Ética do ser humano – compaixão pela terra*, 12ª Edição (Petrópolis: Editora Vozes, 1999), 137.

<sup>146</sup> Minnerat, *Para uma ética social universal*, 130.

Através da técnica, o ser humano adapta a natureza às suas necessidades, intervindo nela, nem sempre da melhor forma. Não se defende, por isso, o regresso a “uma natureza virgem, livre de qualquer manipulação”<sup>147</sup>. A ciência e a técnica são importantes porque proporcionam melhores condições de vida às populações, mas não devemos ignorar os valores inerentes à condição humana e à sua dignidade, procurando apenas aumentar a produtividade e o consumo<sup>148</sup>. Importa definir os limites a seguir, isto é, esclarecer até onde devem aquelas alargar o seu âmbito de atuação<sup>149</sup>.

#### 4. Os princípios ecológicos e a educação

Uma das novidades da Carta Encíclica *Laudato Si'* é, sem dúvida, a reflexão sobre a ecologia integral, e um dos objetivos da educação é esta ecologia integral. Assim, este ponto tem como objetivo refletir sobre a ecologia integral, agora aplicada à educação.

Esta reflexão será feita através de alguns pontos presentes na Carta Encíclica *Laudato Si'* e através de algumas linhas de orientação práticas relativas ao modo como devem os princípios ecológicos ser aplicados na educação. Também refletirei sobre a ecologia na perspetiva do cuidado e como este cuidado deve estar presente no aspeto educacional. E, por fim, como conclusão deste ponto, escreverei sobre o contributo da disciplina de EMRC para uma espiritualidade ecológica que tenha em conta uma ecologia integral.

##### 4.1. O apelo a um outro estilo de vida

Hoje, mais do que nunca, a natureza não pode ser separada da cultura, pelo que é preciso refletir sobre as interações existentes entre os ecossistemas e os contextos sociais e individuais. “Não são somente as espécies animais e vegetais que se extinguem; também as palavras, as frases, o calor das conversas, os gestos de solidariedade humana, a doçura e a paz entre todas as criaturas vão desaparecendo do dia-a-dia”<sup>150</sup>.

Tendo em conta esta premissa, a ecologia social deverá trabalhar na reconstrução das relações entre os seres humanos quer ao nível social, como também psicológico e da intersubjetividade. “Ela vem acrescentar à dimensão das relações homem-natureza a dimensão

---

<sup>147</sup> Luís González Carvajal, *Entre la utopía y la realidad* (Bilbao: Sal Terrae, 1998), 186.

<sup>148</sup> Cf. Louis Leprince-Ringuet, *A fé do físico. O testemunho de um cientista*, trad. Abílio Cardoso, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1996), 24.

<sup>149</sup> Cf. Carvajal, *Entre la utopía*, 186-187.

<sup>150</sup> Isabel Varanda, *A Salvação Ecológica, Proliferação de transcendências – a religião que anda no ar*, nº11, Cadernos Instituto São Tomás de Aquino (Lisboa: Ordem dos Pregadores, 2001), 115.

de homem-a-homem, de corpo-a-corpo, de coração-a-coração, das quais será necessário *reinventar* novas modalidades para voltar a preencher substancialmente os vazios intersubjetivos da sociedade de hoje”<sup>151</sup>.

“Assim, a perda de relações harmoniosas e fecundas com a natureza, com os outros e consigo mesmo provoca ruturas que se radicalizam na crise ecológica propriamente dita, crise das relações entre o homem e a natureza, na crise da interioridade (radicalizada no individualismo e no relativismo contemporâneos) e na crise da alteridade. A crise ecológica não revela somente o mau estado em que se encontra o nosso planeta e as espécies animais e vegetais que correm perigo ou se extinguem; na sua dimensão social e humana, ela manifesta-se nas tiranias locais e globais, políticas, culturais, económicas, religiosas, pessoais ou interpessoais”<sup>152</sup>. Tendo isto em consideração é necessário, em primeira instância, um trabalho de recuperação da confiança da humanidade em si mesma. É necessário uma ecologia “marcada por uma descentralidade [que] poderia abrir o pensamento ecológico a um horizonte de transcendência”<sup>153</sup>. Porém, é necessário referir que a transcendência que a teóloga Isabel Varanda sugere, é aquela que seja “como um anúncio de um absolutamente *Outro Interlocutor* ecológico. A transcendência assim compreendida não nega o humanismo horizontal; ela afirma-o, mas conduzindo-o mais longe. Para além do reconhecimento do espaço próprio do homem e da natureza, ela cria «espaço para Deus». [...] Na «nebulosa ecológica», esta concreta transcendência pode apontar um horizonte de sentido, de coerência existencial e de «paz com justiça para toda a criação»”<sup>154</sup>.

Vejamos então, de seguida, algumas linhas de orientação que nos aponta o Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si'*.

Porque habitamos num mundo interdependente, importa procurar que as soluções sejam proposta a partir de uma perspetiva global e não apenas para a defesa dos interesses de alguns países. Para enfrentar os problemas, torna-se indispensável um consenso mundial que leve, por exemplo, a desenvolver formas de energia renováveis pouco poluidoras ou a garantir a todos o acesso à água potável.

---

<sup>151</sup> Isabel Varanda, *A Salvação Ecológica, Proliferação de transcendências – a religião que anda no ar*, nº11, Cadernos Instituto São Tomás de Aquino (Lisboa: Ordem dos Pregadores, 2001), 116.

<sup>152</sup> *Ibidem*, 116-117.

<sup>153</sup> *Ibidem*, 117.

<sup>154</sup> *Ibidem*, 117-118.

A maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as várias religiões a estabelecerem um diálogo entre si, no cuidado da natureza, na defesa dos pobres, na construção de um sentido de respeito e de fraternidade. É indispensável também um diálogo entre as próprias ciências, de modo a evitar que se fechem nos limites da própria linguagem, impedindo de enfrentar adequadamente os problemas do meio ambiente. Torna-se necessário um diálogo aberto e respeitador dos diferentes movimentos ecologistas.

A gravidade da crise ecológica obriga-nos a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade<sup>155</sup>. “Antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar. Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge, assim, um importante desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração”<sup>156</sup>.

Portanto, não pensemos só na possibilidade de terríveis fenómenos climáticos ou de desastres naturais, mas também nas catástrofes resultantes das crises sociais, pois a obsessão por um estilo de vida consumista, só poderá provocar violência e destruição recíproca. No entanto, o ser humano, capaz de tocar o fundo da degradação, pode também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se<sup>157</sup>.

Um dos muitos documentos que, também, nos pode ajudar a refletir sobre a ecologia e as atitudes a tomar é a chamada *Carta da Terra*. Esta é uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século XXI, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Tem como principal objetivo inspirar todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada, voltado para o bem-estar de toda a família humana, da grande comunidade da vida e das futuras gerações. Este documento, iniciativa das Nações Unidas, convida-nos a todos a começar de novo, deixando para trás uma etapa de autodestruição. É necessário, para isso, o desenvolvimento de uma consciência universal que o torne possível. “Como nunca antes na história, o destino comum obriga-nos a procurar um novo início [...] Que o nosso seja um tempo que se recorde pelo despertar duma

---

<sup>155</sup> Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si'*. *Sobre o cuidado da nossa casa comum*, (24 de maio de 2015) (Lisboa: Paulus Editora, 2015), n°201.

<sup>156</sup> *Ibidem*, n°202.

<sup>157</sup> Cf. *Ibidem*, n°204.

nova reverência face à vida, pela firme resolução de alcançar a sustentabilidade, pela intensificação da luta em prol da justiça e da paz e pela jubilosa celebração da vida”<sup>158</sup>.

Está sempre ao alcance do ser humano desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. Sem esta capacidade, não se reconhece às outras criaturas o seu valor. A atitude de se autotranscender, rompendo com a consciência isolada, é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente<sup>159</sup>.

Quando somos capazes de superar o individualismo que muitas vezes nos habita, cuidando daquilo que nos foi confiado, pode-se desenvolver um estilo de vida alternativo, tornando-se possível uma mudança significativa na sociedade.

#### 4.2. *A ecologia na perspectiva do cuidado*

A categoria de cuidado pode ser crucial para uma vida realizada e uma via para o fazer é através da educação. Consciente de que a educação muda as pessoas e que, através delas, se pode melhorar o mundo, é de todo pertinente formar os alunos, pela educação, para o cuidado e, neste caso, para comportamentos mais ecológicos. “A verdadeira educação [...] pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte. Por isso, é necessário que, [...] as crianças e os adolescentes sejam ajudados em ordem ao desenvolvimento harmónico das qualidades físicas, morais e intelectuais, e à aquisição gradual dum sentido mais perfeito da responsabilidade na própria vida, rectamente cultivada com esforço contínuo e levada por diante na verdadeira liberdade, vencendo os obstáculos com magnanimidade e constância. [...] Além disso, de tal modo se preparem para tomar parte da vida social, que, devidamente munidos dos instrumentos necessários e oportunos, sejam capazes de inserir-se activamente nos vários agrupamentos da comunidade humana, se abram ao diálogo com os outros e se esforcem de boa vontade para cooperar no bem comum”<sup>160</sup>. Educar para o cuidado com o planeta e para o cuidado de todas as criaturas é urgente. Cuidar do planeta não é apenas importante para ele mesmo, mas porque cuidando dele cuidamos de todos.

---

<sup>158</sup> *Carta da Terra: valores e princípios para um futuro sustentável*, <http://www.mma.gov.br/destaques/item/8071-carta-da-terra> (consultado a 13 de março de 2017).

<sup>159</sup> Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si'*. *Sobre o cuidado da nossa casa comum*, (24 de maio de 2015) (Lisboa: Paulus Editora, 2015), nº208.

<sup>160</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965), Declaração *Gravissimum Educationis* (28 de outubro de 1965) (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1976), nº1.

Todos os alunos têm em si mesmos dons e capacidades a desenvolver. Através da educação (*e*= exterior; *ducere*= conduzir para), como um ajudar a conduzir para fora de si, estes dons devem ser revelados e desenvolvidos para a sua consolidação. Aqui se destaca o papel do docente que deve estar atento, para que este desenvolvimento se dê em cada aluno, visto que estes passam muito tempo da sua vida na escola. Para isso, é necessário que a escola seja um espaço cuidador, acolhedor e hospitaleiro, onde o desenvolvimento intelectual e emocional dos alunos possa decorrer. O docente deve ajudar os alunos a perceber que estes têm alguma coisa para oferecer à sociedade, através da prática dos verdadeiros valores. Um destes valores poderá ser, sem dúvida, a ecologia e, associada a ela, todos os outros. É possível ensinar cada um a cuidar de todos os que o rodeiam, seja na escola ou em qualquer outro contexto. Neste acolhimento deverão ser valorizadas atitudes de respeito, solidariedade, paz, gratidão e então teremos “os novos céus e a nova terra, onde habite a justiça” (2Pe 3,13).

Cuidar é mais do que um ato, é uma *atitude*; abrange mais do que um momento de atenção ou de zelo. Representa uma atitude de preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro. Esta atitude que é o cuidado constitui no ser humano como que um modo-de-ser. Assim, o cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano. O cuidado deve ser entendido na linha da essência humana. Deste modo, o ser humano é um ser de cuidado e, mais ainda, a sua essência encontra-se no cuidado. Colocar o cuidado em tudo o que se projeta e faz: eis a característica singular do ser humano<sup>161</sup>.

Portanto, nós não temos cuidado; nós somos cuidado. Isto significa que o cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular presente no homem e na mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos. Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Estamos diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude.

O cuidado inclui, pois, duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira diz respeito à atitude de desvelo, de solicitude e atenção para com o outro; a segunda

---

<sup>161</sup> Cf. Leonardo Boff, *Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, 12ª Edição (Petrópolis: Editora Vozes, 1999), 35.

refere-se à preocupação e inquietação, pois a pessoa que tem cuidado sente-se envolvida e afetivamente ligada ao outro<sup>162</sup>.

Nesta perspectiva do cuidado deixamos de ver a natureza, e tudo quanto nela existe, como simples objetos. Experimentamos os seres como sujeitos, como valores, como símbolos; a natureza não é muda, ela fala e evoca; emite mensagens de grandeza, beleza, perplexidade e força. O ser humano poderá escutar e interpretar estes sinais; coloca-se perto das coisas e a elas se sente unido. Deste modo, a relação não é de domínio *sobre*, mas de *con-vivência*; não é pura *intervenção*, mas *inter-ação e comunhão*.

Este modo de ser no mundo, na forma do cuidado, permite ao ser humano viver a experiência fundamental do valor, daquilo que tem importância e definitivamente importa. Não do valor utilitarista, só para seu uso, mas o valor intrínseco às coisas. A partir desse valor emerge a dimensão da alteridade, do respeito, da sacralidade, da reciprocidade e da complementaridade<sup>163</sup>.

Como cuidar do planeta? Em primeiro lugar, há que considerar o planeta como um todo vivo, no qual todas as partes se encontram interligadas e interdependentes; é principalmente cuidar da sua integridade e vitalidade. Cuidar do planeta é cuidar da sua beleza, das suas paisagens, do esplendor das suas florestas, do encanto das suas flores, da diversidade exuberante de seres vivos da fauna e da flora.

Cuidar do planeta é, também, cuidar de tudo e todos que o habitam, especialmente dos mais vulneráveis. Cuidar do planeta é cuidar daquilo que ele, através da nossa inteligência, produziu em culturas tão diversas, em línguas tão numerosas, em arte, em ciência, em religião, em bens culturais.

“Cuidar da Terra é, finalmente, cuidar do Sagrado que arde em nós e que nos convence de que é melhor abraçar o outro do que rejeitá-lo e que a vida vale mais que todas as riquezas deste mundo. Então ela será de facto a Casa Comum do Ser”<sup>164</sup>.

---

<sup>162</sup> Cf. Leonardo Boff, *Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, 12ª Edição (Petrópolis: Editora Vozes, 1999), 91-92.

<sup>163</sup> Cf. *Ibidem*, 96.

<sup>164</sup> Leonardo Boff, *Como cuidar de nossa Casa Comum*, in *Jornal Brasil*, <http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2015/08/23/como-cuidar-de-nossa-casa-comum/> (Consultado a 13 de março de 2017).

### 4.3. Educação e espiritualidade ecológicas

Neste ponto irei abordar a necessidade do cultivo de uma espiritualidade cristã da ecologia através da educação.

A natureza é uma fonte inesgotável de observações, de lições e de admiração. No entanto, reconhecemos hoje uma ausência de experiência real da natureza, isto é, da proximidade e do toque, pois estes possibilitam a observação e conduzem à capacidade para interpretar a sua mensagem mais profunda. Na verdade, de uma maneira ou de outra, todos nós experimentamos a natureza, ainda que vivamos muito envolvidos no meio urbano<sup>165</sup>.

Esta experiência da natureza que habita o nosso inconsciente constitui a experiência primordial e essencial. Porém, quando o ritmo de vida não permite senão experiências limitadas ou parcelares, a ousadia de uma certa vivência deve ser assumida. Uma reflexão sobre a natureza acabará por nos levar ao encontro com a nossa memória cósmica. Tudo isto permite ao ser humano descobrir-se a si mesmo, pois permite-lhe situar-se no espaço. Neste contexto, concretiza-se claramente uma experiência religiosa, no sentido que religa o ser humano a uma transcendência e a uma profundidade de ser. Numa perspectiva cristã, tal experiência permite-nos comungar da plenitude da criação, integrando-nos na comunidade criacional. Somos criados na mesma Palavra e filhos da mesma gratuidade: “Deus disse (...) e isto aconteceu”; somos ainda contemplados na mesma bênção original: “e Deus viu que isto era bom” (Gn 1,10-12-18-21-25).

Nesta perspectiva cristã, é essencial mencionarmos uma figura do século XII que tem manifestações de espetacular modernidade: São Francisco de Assis. Esta figura manifesta um profundo respeito e expressa uma desconcertante admiração pela natureza. A sua vivência diária concretiza-se num percurso de respeito por toda a criação, que reconhece e proclama a autoria divina. Não se trata de um sentido ecológico de conceito moderno, mas de um sentimento profundo de existência integrada numa comunidade existente. A oração, o *Cântico das Criaturas*, é um hino de louvor ao Criador, onde se destaca a simplicidade das referências aos elementos: boas, radiantes, preciosas e belas, humildes, alegres e fortes.

Porém, na sua época não se verificava uma crise ecológica com as dimensões que assume atualmente e a sua defesa pela natureza veiculava também a defesa dos pobres e

---

<sup>165</sup> Cf. Leonardo Boff, *Como cuidar de nossa Casa Comum*, in Jornal Brasil, <http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2015/08/23/como-cuidar-de-nossa-casa-comum/> (Consultado a 13 de março de 2017).

humildes. No entanto, não há dúvida que a ternura que manifestava e concretizava, o seu respeito por todas as criaturas são referências constantes nos dias de hoje, em que a dignidade dos pobres é duramente afrontada.

Uma vez que estamos em contexto educativo, é essencial educar os alunos para uma espiritualidade ecológica, inspirados, sem dúvida, pela figura de São Francisco de Assis. Os jovens têm necessidade de saber que podem conduzir na sociedade uma ação digna de interesse, que podem influir sobre a realidade, sobre o mundo onde vivem<sup>166</sup>. Eles precisam de saber que têm uma palavra a dizer. É, acima de tudo, necessário procurar, por detrás da normalidade quotidiana, opções eticamente aceitáveis que desemboquem em ações refletidas. As escolas têm um importante papel, na medida em que devem fornecer aos jovens um contexto e as aprendizagens necessárias para que se sintam convidados a tomar iniciativas, a contar com eles próprios, a comportar-se segundo um sistema de valores estabelecidos<sup>167</sup>.

Tal como afirma o Papa Francisco, “os jovens têm em si mesmos uma sensibilidade ecológica e um espírito generoso”<sup>168</sup>, mas o contexto de crise ecológica e cultural que vivemos torna-se, por isso, um grande desafio educativo.

A educação para a ecologia tende a recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus. “A educação ecológica deveria predispor-nos para dar este salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo”<sup>169</sup>. Se os educadores tiverem em conta este aspeto, ajudarão certamente os alunos a crescerem na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado assente na compaixão. Torna-se muito importante o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas e até dar forma a um novo estilo de vida.

São vários os âmbitos educativos: a escola, a família, os meios de comunicação, a catequese, entre outros. Uma boa educação escolar pode produzir bons frutos para toda a vida. Mas é importante o papel da família neste itinerário, pois ela é o lugar da formação integral onde se desenvolvem os aspetos para o amadurecimento pessoal e comunitário.

---

<sup>166</sup> Cf. Organização para o Desenvolvimento Económico, *A Ecologia e a Escola*, 1ª Edição (Rio Tinto: Asa, Coleção Horizontes da Didática, 1992), 12.

<sup>167</sup> *Ibidem*, 13.

<sup>168</sup> Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si'. Sobre o cuidado da nossa casa comum*, (24 de maio de 2015) (Lisboa: Paulus Editora, 2015), n.º209.

<sup>169</sup> *Ibidem*, n.º210.

O Papa Francisco fala-nos de uma “*conversão ecológica*, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspeto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa”<sup>170</sup>. Segundo o Santo Padre, esta conversão ecológica implica, por um lado, atitudes como “gratidão e gratuidade, ou seja, um reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai, que consequentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja ou agradeça. [...] a consciência amorosa de não estar separados das outras criaturas, mas de formar com os outros seres do universo uma estupenda comunhão universal. O crente completa o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres. [...] a conversão ecológica, fazendo crescer as peculiares capacidades que Deus deu a cada crente, leva-o a desenvolver a sua criatividade e entusiasmo para resolver os dramas do mundo, oferecendo-se a Deus”<sup>171</sup>. Por outro lado, o Papa Francisco diz-nos que o sentido desta conversão é enriquecido por várias convicções de fé, tais como: “a consciência de que cada criatura reflete algo de Deus e tem uma mensagem para nos transmitir, ou a certeza de que Cristo assumiu em si mesmo este mundo material e agora, ressuscitado, habita no íntimo de cada ser, envolvendo-o com o seu carinho e penetrando-o com a sua luz; e ainda o reconhecimento de que Deus criou o mundo, inscrevendo nele uma ordem ou um dinamismo que o ser humano não tem o direito de ignorar”<sup>172</sup>

A sobriedade e a humildade não gozam de positiva consideração nos nossos dias. É preciso ter a coragem de falar na integridade da vida humana, na necessidade de incentivar e conjugar todos os grandes valores<sup>173</sup>. Cada educador deve ajudar os alunos na sua capacidade de admiração que leva à profundidade de vida e em atitudes de respeito para com a natureza e as pessoas.

---

<sup>170</sup> Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si.* ‘*Sobre o cuidado da nossa casa comum*, (24 de maio de 2015) (Lisboa: Paulus Editora, 2015), nº217.

<sup>171</sup> *Ibidem*, nº220.

<sup>172</sup> *Ibidem*, nº221.

<sup>173</sup> Cf. *Ibidem*, nº224.

É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com todos, que vale a pena ser bons e honestos<sup>174</sup>. Uma ecologia integral é feita também de pequenos gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência<sup>175</sup>.

#### *4.4. O contributo da Educação Moral e Religiosa Católica para uma Ecologia Integral*

Pedagogicamente, devemos perceber a vivência da atitude ecológica como valor que comporta outros valores, por isso a Unidade Letiva da qual parte esta investigação é denominada “Ecologia e Valores”. Precisamente porque os valores são o fundamento e a grande preocupação da educação, a ecologia está associada a valores como a gratidão, o cuidado, o respeito, a responsabilidade e a fraternidade. É nesta perspetiva que a disciplina de EMRC se funda na transmissão de valores, particularmente nesta Unidade Letiva.

Como já referi nas páginas anteriores, o tema da ecologia tem sido objeto de crescentes debates e discussões na sociedade, constituindo motivo de preocupação para consciências despertas para com a *oikos*. Não só a disciplina de EMRC, mas os diferentes domínios do saber, têm revelado preocupações, alertando para os direitos e deveres de todos a nível mundial, de forma a preservar e proteger a integridade do ecossistema terrestre<sup>176</sup>.

O próprio campo educativo tem a possibilidade de se assumir como espaço físico e humano que propicia para uma formação da educação ambiental, de forma a evitar problemas ambientais. Deste modo, o contributo da escola é ajudar numa formação do carácter dos alunos que os levem a tomar atitudes benéficas para todos.

A disciplina de EMRC, assumindo a perspetiva da formação integral dos alunos, tem como objetivo os desafiar na descoberta e encontro do transcendente na vida pessoal e social, no cumprimento do dever como a abertura a novos horizontes, à maturidade moral e aqui está subjacente a educação ambiental e integral. Isto também é um desafio para os docentes, convidando-os a enriquecerem os programas existentes, testemunhando a dádiva do Amor e da Criação, apresentando-se aos alunos e a toda a comunidade educativa como guias, conselheiros e amigos, contribuindo assim para uma forte e verdadeira educação ambiental<sup>177</sup>. Na educação

---

<sup>174</sup> Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si'*. *Sobre o Cuidado da casa comum*, (24 de maio de 2015) (Lisboa: Paulus, 2015), nº229.

<sup>175</sup> Cf. *Ibidem*, nº230.

<sup>176</sup> Cf. Aida Guerra da Silva, *A Ecologia na Educação Moral*, Fórum de EMRC (Lisboa: SNEC, 2005), 192.

<sup>177</sup> Cf. *Ibidem*, 199-200.

é urgente formar os valores do cuidado de todos e é neste sentido que a educação ambiental se insere, isto é, na perspectiva do cuidado do outro.

Cada vez se reconhece uma maior preocupação pedagógica pela necessidade de consciencializar as pessoas para a importância das relações entre os seres vivos e entre os seres humanos. Para isso, já em 1992, através do Conselho de Ministros da Educação da Comissão Europeia, houve uma resolução de promover a melhoria da qualidade de vida pretendendo que todos os Programas de ensino desenvolvam objetivos ambientais de forma interdisciplinar, insistindo também na formação dos docentes a respeito deste tema<sup>178</sup>.

A melhor forma de solucionar os problemas ambientais é evitá-los, por isso é necessária uma sucessiva consciencialização ecológica que define o próprio campo educativo, através de programas formais e informais, dos seus currículos e instituições. O desafio é que o ambiente se torne como a escola, um local onde se aprende e se tenha gosto em aprender, onde a interdependência e a solidariedade constituem valores fundamentais, apoiados pela iniciativa e pela responsabilidade, desenvolvendo novas competências nos estudantes<sup>179</sup>.

Devido à importância deste tema na sociedade atual, torna-se necessário investir nele através dos currículos presentes nos ensinos básico e secundário, através de uma nova forma de educação e da própria maneira de ver os acontecimentos, para que se desenvolva uma cultura que dê lugar à paz e ao progresso. E neste trabalho, os alunos revelam uma grande sensibilização e dedicação pela temática do ambiente, aplicando-se com mais empenho e persistência no analisar desta realidade.

Nas escolas, obrigatoriamente abertas aos valores, a educação ambiental e integral produz uma nova relação dos alunos com a vida prática, sobretudo para que estes, no final do ensino básico, possam enfrentar as várias situações da vida, sabendo tomar iniciativas, refletir por si próprios, tomar decisões e assumir responsabilidades.

Em relação ao Cristianismo, têm-se revelado preocupações no sentido da sensibilização humana para os valores da criação e para a responsabilidade no uso dos recursos ao serviço de todos. Deste modo o cristão cumpre, a respeito do meio ambiente, um dever de religiosidade, pois o planeta no seu conjunto e cada criatura na sua singularidade são dom de Deus; um dom que deve ser protegido e exaltado. Além do Cristianismo, muitas outras religiões se têm

---

<sup>178</sup> Cf. Aida Guerra da Silva, *A Ecologia na Educação Moral*, Fórum de EMRC (Lisboa: SNEC, 2005), 192.

<sup>179</sup> Cf. *Ibidem*, 194.

debruçado pela defesa do meio natural, como por exemplo, o Budismo, o Islão e o Taoísmo, pelo que o domínio do transcendente presente em cada uma delas se constitui como o importante suporte ético. Cabe, pois, ao ser humano, e de uma forma mais particular, ao crente refletir nas próprias ações em relação à natureza.

A disciplina de EMRC, ao contribuir para a formação de crianças e jovens numa perspetiva ecológica, considera que não é suficiente que a formação seja apenas transmissão de conceitos ou reflexão de valores. Por isso é fundamental, como nos diz Aida Guerra, que “a partir da construção de valores, porque de educação moral se trata, o jovem vai desenvolver a apetência pela criação de hábitos e de atitudes, através de experiências concretas que, de uma forma responsável, desafie a formação religiosa, cultural, moral e cívica, também na vertente da EA [Educação Ambiental], em todos os níveis de ensino.”<sup>180</sup>.

Através dos jovens de hoje, se prepararão outros jovens no sentido de uma responsabilidade ecológica, como também farão eco desta responsabilidade junto da população adulta, a fim de alterarem comportamentos ambientais desadequados.

Nas Metas apresentadas no Programa de EMRC para a Unidade Letiva Ecologia e Valores, as abordagens, as aplicações e a participação em projetos deste âmbito ajudam ao cumprimento dos objetivos fundamentais de capacitação dos alunos, para:

- Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da Criação enquanto dádiva de Deus;
- Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza;
- Conhecer a perspetiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus;
- Reconhecer o contributo do Cristianismo no cuidado da natureza<sup>181</sup>.

No ensino escolar da religião, a componente ambiental encontra-se presente nos objetivos do Programa, nos manuais escolares e na prática dos docentes. Assim, a participação nos projetos curriculares da escola torna-se mais desafiante e válida. Como já foi referido anteriormente, o Programa de EMRC revela princípios básicos da vertente ambiental em todos os ciclos. A validade deste tema traduz-se em momentos diferentes de acordo com a abordagem dos conteúdos. O recurso a atividades lúdicas, recorrendo à imaginação e à criatividade

---

<sup>180</sup> Aida Guerra da Silva, *A Ecologia na Educação Moral*, Fórum de EMRC (Lisboa: SNEC, 2005), 197.

<sup>181</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 92.

contribui para a legitimidade das vivências ambientais. Assim, de uma forma divertida, os alunos jogando, aprendem a apreciar, valorizar e celebrar a natureza.

### CAPÍTULO III – PEDAGOGIA E DIDÁTICA PARA A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “ECOLOGIA E VALORES”

Para um docente é essencial, não só possuir conhecimentos científicos sobre determinado tema, mas também saber como transmitir esses conhecimentos ou competências de forma adequada ao nível etário dos alunos e às suas características concretas.

Para tal, é fundamental saber a quem nos dirigimos, para assim conseguirmos conjugar os objetivos do programa e os alunos. A reflexão sobre o programa, assim como a sua articulação com as características da turma, será o objetivo deste terceiro capítulo do Relatório que aborda assim, mais especificamente, a Prática de Ensino Supervisionada que decorreu no Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, em Braga.

#### **1. Caracterização do Agrupamento de Escolas Dr.º Francisco Sanches**

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches (AEFS) é constituído por sete estabelecimentos de ensino e educação desde o ensino pré-escolar até ao 3º ciclo do ensino básico. Os estabelecimentos de ensino que compõem este Agrupamento são: Escola Básica Dr. Francisco Sanches, EB 1 da Misericórdia, EB1/JI Quinta da Veiga, JI Quinta das Fontes, EB1/JI das Enguardas, EB1 de S. Vítor e EB1/JI Bairro da Alegria. Estes estabelecimentos de ensino pertencem às freguesias de S. Vítor e São Vicente, na zona urbana de Braga, e apresentam uma elevada densidade populacional, com a presença de alguns bairros sociais. Nas áreas abrangidas pelo Agrupamento verificam-se estratos sociais, culturais e económicos muito diferenciados, bem como uma forte presença de população emigrante, de origem diversificada e com língua materna diferente do Português.

“Em 2009, a comunidade escolar Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches foi identificada como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), tendo esta decisão sido considerada como a melhor solução estratégica para que a escola se constituísse como uma potencialidade no desenvolvimento de um território social e economicamente frágil, tendo como núcleo prioritário as crianças e os jovens desse território e as suas famílias, na relação do acompanhamento dos processos de estudo e da participação nas dinâmicas escolares. Foram então identificadas, como situações chave a atenuar, i) o baixo sucesso educativo dos alunos, que frequentavam o agrupamento, face às médias nacionais, ii) a ocorrência frequente de práticas de violência, iii) os níveis preocupantes de indisciplina e abandono escolar, iv) as taxas de insucesso escolar e v) a verificação de situações de trabalho infantil no contexto social

envolvente.”<sup>182</sup>. Para que se atingissem os objetivos propostos, o Projeto Educativo do Agrupamento foi elaborado segundo duas linhas estratégicas:

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, no quadriénio 2013-2017, pretende alcançar duas metas e doze objetivos:

<b>Metas<sup>183</sup></b>	<b>Objetivos<sup>184</sup></b>
<p><b>1) Construir uma escola de qualidade –</b>                      Proporcionar/organizar os meios necessários à aprendizagem, valorizando o cumprimento dos programas curriculares e promovendo o sucesso educativo dos alunos.</p>	<p><b>1) Implementar ofertas formativas que respondam às necessidades dos alunos, valorizando o seu saber cultural, promovendo a inclusão, e criando condições para a aprendizagem em função das capacidades e da cultura de cada um.</b></p>
	<p><b>2) Dar visibilidade às aprendizagens obtidas no desenvolvimento de projetos escolares.</b></p>
	<p><b>3) Reconhecer o mérito dos elementos da comunidade escolar.</b></p>
	<p><b>4) Garantir o desenvolvimento de medidas promotoras da aprendizagem e do sucesso escolar a todos os alunos que delas necessitem.</b></p>
	<p><b>5) Diversificar e inovar as metodologias de ensino e aprendizagem.</b></p>
	<p><b>6) Potenciar a articulação de conteúdos, estratégias, recursos e formas de avaliação.</b></p>
	<p><b>7) Acompanhar as lideranças intermédias no sentido de potenciar o trabalho colaborativo entre professores, alunos,</b></p>

<sup>182</sup> Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, *Projeto Educativo 2013-2017* (Braga, 2014), 4.

<sup>183</sup> *Ibidem*, 21.

<sup>184</sup> *Ibidem*, 21.

	pais e encarregados de educação e os parceiros educativos.
2) Ser uma escola para a cidadania – Educação para a responsabilização de todos – Educar para a Cidadania.	8) Participar em projetos locais e internacionais que potenciem o conhecimento, a interculturalidade, o voluntariado e os direitos humanos.
	9) Assegurar a plena ocupação do tempo escolar de cada um dos alunos.
	10) Promover um clima de aprendizagem, criando estratégias para a resolução da indisciplina e da perturbação dos processos de aprendizagem.
	11) Aprofundar/estreitar a relação com as parcerias.
	12) Aprofundar a participação das famílias, pais e encarregados de educação, nas dinâmicas escolares.

Também no seu Projeto Educativo, o Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches estabeleceu qual seria a sua principal *missão*: “As necessidades sociais a satisfazer pelo AEFS são, de acordo com as características do contexto educativo, o facilitar do aceder ao sucesso escolar de todas as crianças e jovens da comunidade educativa, desde o pré-escolar até ao final das oportunidades oferecidas pelo AEFS, aumentando progressivamente o leque de ofertas e a sua adequabilidade às necessidades sociais, económicas e culturais da comunidade, potenciando a relação Escola-Comunidade, no intuito de formar cidadãos na vertente pessoal, social e científica de modo a prepará-los para os desafios do presente e do futuro.

Os resultados que se pretendem atingir identificam-se nas seguintes metas:

- Melhorar os resultados escolares dos seus alunos;
- Diminuir a taxa de abandono;
- Diminuir a taxa de absentismo escolar;

- Diminuir a taxa de retenção;
- Potenciar a relação escola-comunidade”<sup>185</sup>.

## **2. Caracterização da turma**

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) decorreu na turma 4 do 8º ano da Escola Básica Dr. Francisco Sanches, do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. A turma é constituída por 23 alunos dos quais 20 alunos estão inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, o que corresponde a 87% dos alunos. A turma de EMRC é composta por 20 alunos, dos quais 6 são do género masculino e 14 são do género feminino. A média de idades é de 13,1 anos, variando entre os 12 e os 15 anos. Apenas uma aluna está sinalizada como sendo de Necessidades Educativas Especiais. Beneficiam de Ação Social Escolar 12 alunos da turma, o que corresponde a 60% da turma.

Face à experiência letiva da PES é possível tecer as seguintes considerações: na sua generalidade a turma não é participativa e revela algumas dificuldades em responder aos desafios do docente. Na globalidade, os alunos não revelam muito interesse pelo processo de ensino-aprendizagem; revelam alguma dificuldade no que toca à atenção que devem prestar em sala de aula e, por vezes, um comportamento irregular, o que dificulta o normal e profícuo desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, devido a intervenções pouco organizadas. Do ponto de vista do aproveitamento, a turma caracteriza-se pelo baixo rendimento escolar e dificuldades a nível do raciocínio lógico e abstrato.

Nas relações mantidas com os alunos no decorrer das aulas observadas pode constatar-se que manifestam sentido de solidariedade e interajuda. Ao longo da PES criou-se uma relação de afinidade e empatia entre professora e alunos. Verificou-se um aumento gradual do interesse pelas atividades propostas, bem como a realização das tarefas no tempo adequado e de forma autónoma.

## **3. Descrição geral da Unidade Letiva**

A Unidade Letiva “Ecologia e Valores” encontra-se inserida no 8º ano de escolaridade e possui como Metas:

- “B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história;
- C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas;

---

<sup>185</sup> Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, *Projeto Educativo 2013-2017* (Braga, 2014), 18.

- J. Descobrir a simbólica cristã;
- O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”<sup>186</sup>.

Associados a estas Metas, temos os Objetivos que nos são propostos atingir, como por exemplo:

- “1. Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus;
- 2. Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza;
- 3. Conhecer a perspetiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus;
- 4. Reconhecer o contributo do cristianismo no cuidado da natureza”<sup>187</sup>.

Destaca-se, igualmente, um elevado número de conteúdos previstos. Penso que dificilmente todos serão abordados e esta pode não ser uma questão totalmente negativa, desde que se atinjam os Objetivos propostos para a Unidade Letiva em questão. As Metas constituem uma espécie de Objetivos a longo prazo, que depende para a sua consecução de todo o processo de ensino-aprendizagem ao longo dos vários anos de escolaridade<sup>188</sup>.

Esta Unidade Letiva foi planificada para cinco aulas. Este número de aulas surgiu devido à especificidade da Unidade Letiva, considerando que este seria o número de aulas necessário para a lecionação da Unidade Letiva e dos conteúdos previstos, de modo a atingir os Objetivos a ela associados.

Penso que seja relevante colocar aqui referência a um documento que o Concílio Vaticano II dirigia aos Bispos, considerando que a afirmação também se poderia dirigir aos docentes de Educação Moral e Religiosa Católica: “Expliquem a doutrina cristã com métodos apropriados às necessidades dos tempos, isto é, que respondam às dificuldades e problemas que mais preocupam e angustiam os homens”<sup>189</sup>. De facto é importante que o programa seja cumprido e que os objetivos delineados venham a ser atingidos, mas também é importante que o docente responda às preocupações e anseios dos alunos que estão consigo em sala de aula.

---

<sup>186</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 92.

<sup>187</sup> *Ibidem*, 92.

<sup>188</sup> Cf. *Ibidem*, 9.

<sup>189</sup> Concílio Vaticano II (1962-1965), Decreto *Christus dominus* (28 de outubro de 1965) (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1976), nº13.

Só com o tempo se consegue ficar a conhecer uma turma e perceber quais são as suas principais características, virtudes e lacunas. De início, o docente apenas pode fazer uma pequena ideia de como ela será, mas é um preconceito, isto é, um conceito formado antes de conhecer a realidade; só o tempo de lecionação permitirá ao docente conhecer melhor esta realidade concreta, que pode ser muito diferente da turma que está na sala de aula ao lado e que se encontra a frequentar o mesmo ano de escolaridade. É da articulação destes três aspetos: programa, necessidades e características reais da turma, que o docente deve planificar as suas aulas.

#### **4. Análise pedagógico-didática da Unidade Letiva**

A Unidade Letiva “Ecologia e Valores” é muito importante para a formação integral dos alunos dada a situação ecológica atual do mundo em que vivemos. Num quadro de quase completa destruição da criação, importa incentivar os alunos a tomarem uma atitude interventiva em relação ao real, agindo em termos de cidadania responsável e interveniente. Importa incentivar os alunos no sentido de assimilar a ética do cuidado em relação ao planeta Terra, único espaço que temos para viver.

Esta Unidade Letiva ajudará os alunos a considerarem o ser humano como um ente com capacidade para cuidar do todo criado e do qual se destaca, em virtude da sua singularidade<sup>190</sup>. Dado o estado de destruição em que se encontra o Planeta, considerado pelos cristãos como resultado da criação, importa inculcar nos alunos desta faixa etária a ideia vital da necessidade de preservar o cosmos e o mistério da existência<sup>191</sup>.

A Unidade Letiva em questão apresenta elementos capazes de sensibilizar os alunos, crentes ou não crentes, para os cuidados a ter com o Planeta. Os alunos não crentes que, eventualmente frequentem as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica, podem beneficiar dos conteúdos aqui apresentados, dado que o problema ecológico manifesta uma dimensão universal, que interessa a todo o ser humano. Para os alunos crentes “a natureza não é exclusivamente natural”<sup>192</sup>, tal como é pensada pela maioria dos cientistas. Estes, quando olham para a natureza, pretendem conhecer e explicar a sequência de fenómenos e as leis que explicam

---

<sup>190</sup> Cf. Marcos Arruda e Leonardo Boff, *Globalização: desafios socioeconómicos, éticos e educativos*, 3ª Edição (Petrópolis: Vozes Petrópolis, 2002), 111.

<sup>191</sup> Cf. Luís González Carvajal, *Entre la utopía y la realidad* (Bilbao: Sal Terrae, 1998), 197.

<sup>192</sup> Mircea Eliade, *O Sagrado e o profano. A essência das religiões* (Lisboa: Grávida, 2010), 160.

os acontecimentos<sup>193</sup>. Também para alguns não crentes, a natureza é vista como um mistério pleno de símbolos que é necessário decifrar<sup>194</sup>.

Nesta Unidade Letiva, os conteúdos “Dn 3, 57-82: Todas as criaturas, bendizei o Senhor!” e “O exemplo de S. Francisco de Assis e a irmã Natureza” correm o risco de se tornarem de índole catequética, se o professor não tiver atenção na forma como os expõe e na metodologia utilizada. Não é didaticamente correto apresentar a natureza como uma irmã. Ser humano e natureza encontram-se em planos diferentes, sendo que o ser humano se situa num plano superior, porque reflete a imagem de Deus.

Como sabemos, a ética reflete sobre o agir humano, sobre o ser e o dever ser e está voltada para a ação. Hoje, com frequência, se reivindica a “autonomia da ciência e da técnica, com as suas normas próprias, em relação à ética”<sup>195</sup>. Neste aspeto, a Unidade Letiva deveria apresentar e ensinar o modo de agir em função da preservação da natureza.

## **5. Planificação da lecionação da Unidade Letiva aula a aula**

Neste ponto vai-se fazer uma descrição e avaliação da Unidade Letiva lecionada aula a aula. Os planos de aula foram realizados tendo em conta os conhecimentos que possuía e a turma à qual lecionaria.

### **Primeira aula:**

Considerarei relevante colocar no plano de aula uma apresentação minha aos alunos, dado que só tinha estado com eles uma vez e a apresentação não tinha sido feita. Depois de fazer uma breve apresentação incluí no plano de aula uns minutos para o caso de os alunos quiserem fazer alguma pergunta.

O sumário será escrito, no quadro, por mim.

Depois desta parte inicial, darei início à exposição do tema mais específico da aula, fazendo uma introdução ao tema da ecologia. Para isso, refletirei em conjunto com os alunos sobre as diferenças entre os termos *ocupar* e *habitar*. Pretende-se que os alunos percebam que nós habitamos neste mundo, que não o ocupamos simplesmente. Após dar tempo aos alunos

---

<sup>193</sup> Cf. Luís González Carvajal, *Entre la utopía y la realidad* (Bilbao: Sal Terrae, 1998), 197.

<sup>194</sup> Cf. Mircea Eliade, *O Sagrado e o profano. A essência das religiões* (Lisboa: Grávida, 2010), 160.

<sup>195</sup> José Román Flecha Andrés, Sapientia Fidei. *Serie de Manuales de Teología. Teología moral fundamental* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001), 158.

para tentarem definir os dois termos, irá ser mostrado um *Power Point* com as definições de *ocupar e habitar*.

Passar-se-á, de seguida, para a definição de *ecologia* que também será explorada em conjunto com os alunos e posteriormente será mostrado um diapositivo do *Power Point* com a definição de *ecologia*. Para explorar a questão das relações que os seres vivos mantêm com o seu meio natural, serão apresentadas várias imagens como exemplo das múltiplas relações que acontecem entre os seres vivos e o meio natural que habitam. Neste momento está previsto um tempo de debate para cada uma das imagens mostradas.

Seguir-se-á a leitura de um pequeno texto bíblico, o Salmo 8, 4-7, que poderá ser antecedida de uma pequena explicação do que é a Bíblia e do que este Livro significa para os cristãos, caso se julgue necessário e dependendo da dinâmica da aula. Este breve trecho será lido por um aluno e será refletido em conjunto com todos os alunos.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Saanches  
Ano letivo 2016/2017

### Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ecologia e Valores

Aula n.º 1/5

Ano: 8º | Turma: 4

Data: 07/11/2016

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>Acolhimento e Sumário</b>						
<b>SUMÁRIO: A Criação como Dom de Deus</b>						
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus.	O mundo é a nossa casa. A ecologia como reflexão acerca da casa de todos os seres humanos, dádiva de Deus. Tudo na natureza está interligado: a relação dos seres vivos entre si e a relação do ser humano com os outros seres vivos. O ser humano é o cume de toda a natureza. E a obra-prima de Deus a quem foi confiado o cuidado de todas as outras realidades: Sl 8, 4-7.	Apresentação da docente. Escrita do sumário, no quadro, pela docente.	Quadro Caderno diário	8	
			"Ocupar" e "habitar": reflexão acerca destes dois conceitos.	Quadro	5	
			O significado da palavra "Ecologia": iniciar com o questionamento dos alunos sobre este conceito e posterior explicitação do mesmo por parte da docente.	Quadro	5	Participação organizada dos alunos
			Apresentação de <i>power point</i> ilustrativo das várias relações estabelecidas entre o ser humano e os outros seres vivos.	Computador Projektor	10	
			Contextualização da Bíblia, mais propriamente do Livro do Génesis.	Quadro	7	



## **Segunda aula:**

Nesta aula pedirei a um aluno que escreva o sumário no quadro.

Se verificar que os alunos foram pontuais, farei um elogio a esse comportamento; caso contrário, tomarei nota dos que não o foram.

Começarei a aula fazendo uma breve revisão da aula anterior, em diálogo com os alunos, dando mais enfoque aos conceitos de *ocupar, habitar e ecologia*.

Posteriormente retomarei a contextualização da Bíblia, nomeadamente do Livro do Génesis, dando a conhecer aos alunos que é neste Livro que se encontra o relato da Criação. De seguida será projetado o Salmo 8,4-7, que será lido por um aluno e explorado em conjunto com todos os alunos para que estes percebam qual a mensagem bíblica que está presente. Dar-se-á mais relevância ao facto de o Planeta ser uma dádiva de Deus.

Direi que nesta aula, como foi escrito no sumário, se abordarão os efeitos secundários do ser humano no meio ambiente. Questionarei sobre que tipo de Planeta queremos habitar e que Planeta queremos deixar para as pessoas que vierem depois de nós.

Darei então início à apresentação em *Power Point*, mostrando o primeiro diapositivo, afirmando que na China, por causa da poluição atmosférica, é frequente verem-se pessoas nas ruas, a usar máscaras, para se tentarem proteger da poluição atmosférica.

No segundo diapositivo abordarei o tema da poluição nas praias e nos rios e darei tempo aos alunos para que se lembrem de alguns exemplos que queiram partilhar.

No terceiro diapositivo abordarei o problema da extinção das espécies e também pedirei aos alunos que partilhem exemplos que conheçam.

Farei referência ao facto de que o ser humano já deu provas da capacidade de reagir, pois foi eficiente ao proibir uns compostos que destruíam a camada de ozono (CFC's), mas que é necessário que altere ainda mais o seu comportamento e evite problemas para nós e para as futuras gerações.

Continuando a apresentação dos problemas, mostrarei excertos de um documentário intitulado *Antes do Dilúvio*, da autoria do ator Leonardo DiCaprio, sobre as alterações climáticas. Serão visionados dois excertos do Documentário. Nesta altura, chamarei a atenção de que, tendo a humanidade estes conhecimentos deve agir: mudando o seu comportamento evitará determinadas catástrofes. Afirmarei que este é um problema moral.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Saanches  
Ano letivo 2016/2017

### Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ecologia e Valores

Aula n.º 2/5

Ano: 8º | Turma: 4

Data: 14/11/2016

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
<b>SUMÁRIO: A criação como dom de Deus (conclusão). Efeitos negativos do ser humano no meio ambiente.</b>						
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.	A destruição do ambiente vital onde todos habitamos: - o esgotamento dos recursos naturais, a desertificação, a extinção dos habitats e das espécies, a poluição, o aumento da temperatura média global, o «buraco» na camada de ozono; - o mau uso dos recursos a nível individual.  Razões que conduzem ao comportamento destrutivo: - o egoísmo; - o desenvolvimento direcionado para o lucro e não para o bem-estar global;	Escrita do sumário no quadro por um aluno.	Quadro Caderno diário	5	Pontualidade
			Breve revisão da aula anterior, em diálogo com os alunos, dando mais enfoque aos conceitos de "ocupar", "habitar" e "ecologia" trabalhados na primeira aula. Se necessário escrever no quadro e pedir aos alunos que copiem para os cadernos diários.	Quadro Caderno diário	3	Participação ativa e organizada
			Leitura do Salmo 8, 4-7 e posterior explicação e reflexão com os alunos	Computador Projektor	5	Respeito pelos outros.
			Introdução ao tema da poluição atmosférica com a apresentação de várias imagens afusivas ao tema.	Computador Projektor	11	Atenção.



### **Terceira aula:**

Pedirei a um aluno que escreva o sumário no quadro.

Procederei então à visualização de um *Power Point* com textos alusivos à natureza das várias religiões, nomeadamente, o Hinduísmo, o Islão e o Cristianismo. Estes textos estão incluídos no Manual da disciplina. De seguida, reservarei alguns minutos para a exploração desses textos, permitindo aos alunos que partilhem as suas conclusões.

Seguidamente, será aberto o debate com os alunos no sentido de reforçar a questão de que todos somos responsáveis por cuidar da natureza porque somos criaturas de Deus e podemos ser considerados cocriadores.

De seguida será visualizada uma nova apresentação em *Power Point* e um pequeno vídeo acerca de algumas instituições portuguesas e internacionais que trabalham em prol do meio ambiente, como por exemplo, a *Sociedade Ponto Verde*, a *Greenpeace* e a *Quercus*. Esta última será privilegiada, pois, embora seja uma associação de âmbito nacional, possui um núcleo em Braga que realiza várias atividades. Irei referir que o nome *Quercus* vem dos nomes latinos dos carvalhos, sobreiros e azinheiras que são árvores fundamentais nas florestas naturais de Portugal. O principal motivo para abordar estas associações é de que em 1990, segundo o Eurobarómetro, um em cada dois europeus pertencia a uma associação ou organização de defesa do ambiente, mas a taxa em Portugal era somente de 24%<sup>196</sup>. Este aspeto é algo que considero que deva ser trabalhado, pois é mais fácil atingirem-se objetivos e mudar o mundo, trabalhando em conjunto. Aliás, o próprio Jesus Cristo, ao enviar os apóstolos em missão, enviou-os dois a dois (Cf Mc6,7). Darei ainda a conhecer uma atividade desta associação num local conhecido dos alunos e ligado a uma entidade religiosa católica (na área florestada do Santuário do Bom Jesus do Monte). É destacada esta atividade para mostrar a ligação que se pode estabelecer entre uma associação que de si não possui conotação religiosa, como a *Quercus*, e uma entidade religiosa, como a Confraria do Bom Jesus do Monte.

---

<sup>196</sup> Cf. Eduardo Duque, Os jovens e a religião na sociedade atual. Comportamentos, crenças, atitudes e valores no distrito de Braga (Braga: Instituto Português da Juventude, 2007), 89.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanchez  
Ano letivo 2016/2017

### Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ecologia e Valores

Aula n.º 3/5

Ano: 8º | Turma: 4

Data: 21/11/2016

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
<b>SUMÁRIO: A natureza como local de encontro com Deus</b>						
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas	Conhecer a perspectiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.	O "Criado" nas várias tradições religiosas.  O reconhecimento da natureza como lugar permeado pela presença de Deus.  A natureza como local onde se pode fazer a experiência do encontro com Deus.  A responsabilidade do ser humano em relação a toda a natureza: usar a natureza com	Escrita do sumário no quadro por uma aluna.	Quadro Caderno diário	5	Pontualidade
			<i>Power Point</i> com textos alusivos à natureza das várias religiões incluídos no Manual da página 123 à 126.	Computador Projetor	10	Participação ativa e organizada
			Diálogo com os alunos no sentido de reforçar a questão de que todos somos responsáveis pelo cuidar da natureza porque somos criaturas de Deus e "cocriadores".	Computador Projetor	10	Atenção  Respeito pelos outros
				Computador Projetor Colunas	10	Participação ativa e organizada

		<p>equilíbrio e sem arbitrariedade e egoísmo.  A responsabilidade em relação às gerações vindouras.</p> <p>Instituições de defesa da natureza: objetivos e atuações.</p>	<p>Apresentação em <i>Power Point</i> e vídeo de algumas Instituições Portuguesas e Internacionais que trabalham em prol do meio ambiente.</p>			<p>Atenção  Participação ativa e organizada</p>
--	--	--	--	--	--	---

#### **Quarta aula:**

Darei início à aula fazendo uma pequena retrospectiva da aula anterior, nomeadamente sobre as instituições que trabalham em prol do meio ambiente. Após este momento o sumário será projetado no quadro.

De seguida será projetado um *Power Point* com uma breve apresentação de São Francisco de Assis. Iniciarei, então, um diálogo com os alunos, dando lugar às respostas sobre algumas dúvidas ou curiosidades que estes tenham acerca de São Francisco de Assis. Posteriormente distribuirei, pelos alunos, uns cartões que contêm uma resumida bibliografia de São Francisco de Assis e o texto “Cântico das Criaturas”. De seguida será feita a leitura e análise de alguns textos escritos por São Francisco de Assis, dando especial relevo ao “Cântico das Criaturas” que todos podem acompanhar pelos cartões distribuídos.

Após este momento irei referir a importância deste Santo para a história universal e salientarei o testemunho dos franciscanos e do Papa Francisco como exemplo de pessoas que tomam São Francisco de Assis como modelo. Será referido ainda São Francisco de Assis como padroeiro daqueles que se dedicam às causas ambientais. Explicarei o que significa o termo *padroeiro* em linguagem cristã.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas: Dr. Francisco Saúches  
Ano letivo 2016/2017

### Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ecologia e Valores

Aula n.º 4/5

Ano: 8.º | Turma: 4

Data: 28/11/2016

Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário						
<b>SUMÁRIO: S. Francisco de Assis, padroeiro da Ecologia.</b>						
J. Descobrir a simbólica cristã.	Conhecer a perspetiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.	O exemplo de S. Francisco de Assis e a irmã natureza.	Retrospectiva da aula anterior	Projektor Computador Caderno diário	5	Atenção, empenho e participação nas atividades da aula.
	Desenvolver atitudes de respeito e admiração pela obra da criação.	A obra de Francisco de Assis como reflexo da sua admiração e cuidado da criação.	<p>Projeção em Power Point uma breve apresentação de S. Francisco de Assis. Diálogo com os alunos, dando lugar à resposta de algumas dúvidas que possam surgir relativamente a S. Francisco de Assis.</p> <p>Leitura e análise de alguns textos escritos por S. Francisco de Assis, dando especial relevo ao "Cântico das criaturas". A docente irá distribuir uma pequena lembrança</p>	<p>Projektor Computador</p> <p>Projektor Computador</p> <p>Projektor Computador Carrões alusivos a S. Francisco de Assis</p>	10	Participação pertinente e oportuna valorizando as intervenções positivas fundamentais. Cumprimento das regras da sala de aula.



### **Quinta aula:**

A aula será iniciada escrevendo o sumário no quadro.

De seguida, em conjunto com os alunos, procederei à organização de um universo de valores em que se relacione o fundamento religioso do agir com a necessidade de se assumir uma perspetiva não utilitarista da natureza. Aqui, aproveitarei para perceber se os alunos ainda se recordam dos conceitos explorados na primeira aula, como *habitar* e *cuidar*.

Posteriormente, haverá um momento de trabalho de grupos com base em palavras-chave que fornecerei aos alunos; as palavras-chave serão: *cuidar*, *ocupar*, *Planeta*, *consequências* e *ser humano*. Cada grupo terá que escrever três palavras associadas às palavras-chave e no final cada grupo dirá as suas palavras que serão escritas no quadro por mim.

De seguida será visualizado o vídeoclip, legendado em português, da música *We are de World* e será dada uma breve explicação acerca do projeto ambiental associado a esta música.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches  
Ano letivo 2016/2017

### Planificação de Aula

Unidade Letiva: Ecologia e Valores  
Aula n.º 5/5

Ano: 8º | Turma: 4  
Data: 05/12/2016  
Tempo previsto: 45 minutos

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Escrita do sumário no quadro pela docente.	Quadro.	7	Pontualidade dos alunos
SUMÁRIO: Ecologia, que futuro queremos?						
J. Descobrir a simbólica cristã	Conhecer a perspetiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.	O reconhecimento da natureza como lugar permeado pela presença de Deus. A responsabilidade em relação às gerações vindouras.	Organização de um universo de valores em que se relaciona o fundamento religioso do agir com a necessidade de se assumir uma perspetiva não utilitarista da natureza.  Trabalho de grupo com base nas palavras – chave dadas pela docente <i>cuidar, ocupar, planeta, consequências, ser humano.</i>	Quadro Caderno diário	20	Participação ativa e organizada  Trabalho em grupo Respeito pelos outros

<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>Reconhecer o contributo do cristianismo no cuidado da natureza.</p>	<p>Como viver com empenho pessoal o criar das condições de habitabilidade no mundo.</p>	<p>Visualização do videoclip da música <i>We are the world</i> e breve explicação acerca do projeto associado a esta música.</p>	<p>Projetor Quadro Colunas</p>	<p>18</p>	<p>Atenção Cumprimento das tarefas propostas</p>
---	--	---	--	--	-----------	--

## 6. Descrição e Avaliação da Unidade Letiva aula a aula

### Primeira aula:

Dei início à aula escrevendo o sumário no quadro enquanto esperava pela chegada dos alunos mais atrasados. Posteriormente fiz uma breve apresentação sobre mim e deixei que fizessem algumas perguntas. Após a chegada de todos os alunos pedi que cada um deles me disse o seu nome e uma curiosidade sua; este facto ajudou-me a decorar mais facilmente o nome de cada um.

Questionei, em seguida, os alunos sobre as diferenças entre *ocupar* e *habitar*. Eles foram dando respostas acertadas e eu fui conduzindo a questão para o objetivo pretendido: que a nossa casa é onde habitamos, mas que ocupamos um lugar dentro da sala de aula. Depois reformulei a questão de forma a alargar o âmbito do que podia ser considerado a nossa casa. Os alunos foram respondendo que a nossa casa podia ser Braga ou Portugal, até que chegaram ao planeta Terra. Eu aí salientei que o único local, permanentemente, ocupado pelo ser humano é este Planeta. Mostrei, então, num diapositivo do *Power Point*, as definições do dois termos e pedi-lhes que os escrevessem no caderno diário para nunca mais esquecerem a diferença.

Escrevi então a palavra *ecologia*, no quadro, e questionei se alguém sabia o que significava. Eles lá foram dando as suas ideias e eu depois mostrei um diapositivo do *Power Point* com a definição da palavra, explicando também que resultava da junção de duas palavras *eco+logia*, significando o “estudo/ciência da casa”; depois pedi aos alunos que passassem a definição de ecologia para o caderno também.

Continuei este tema com a apresentação de um *Power Point* com várias imagens: uma praia, o recreio de uma escola com vários alunos, o ser humano em interação com animais de estimação e um grupo de pessoas a caminhar numa floresta. Para cada uma destas imagens permiti que se fosse dando origem a um debate para chegar, em conjunto com os alunos, à conclusão que cada um dos nossos comportamentos com o meio natural em que estamos envolvidos é objeto de estudo da *ecologia*.

Depois peguei na Bíblia que tinha levado e fiz uma pequena introdução ao seu uso e ao significado do termo Bíblia. Como os alunos foram colocando algumas curiosidades já não tivemos tempo para ler o texto bíblico como planeado.

Fazendo uma avaliação geral, posso dizer que é positiva, considerando que o objetivo principal foi atingido. Também considero que os alunos foram capazes de atingir os objetivos

propostos. O seu comportamento também foi positivo, à exceção daqueles que chegaram atrasados. Considero que procedi adequadamente aos potenciais focos de instabilidade na sala de aula.

### **Segunda aula:**

Fui mais cedo para a sala de aula para preparar tudo e certificar-me que os recursos de que precisava estavam em boas condições de funcionamento.

Assim que os alunos entraram, um pouco mais barulhentos do que na aula anterior, tive que optar por uma atitude mais rígida para os conseguir controlar. Também verifiquei que todos tinham chegado a horas e, por isso, fiz um reforço positivo acerca dessa situação.

De seguida pedi a um aluno que escrevesse o sumário no quadro para assim poder continuar a verificar o comportamento da turma.

Dei início à aula fazendo uma revisão dos conceitos *ocupar*, *habitar* e *ecologia* trabalhados na aula anterior e verifiquei, com agrado, que sem estarem a olhar para os cadernos todos os alunos se lembravam das definições de cada um dos conceitos.

Posteriormente projetei o Salmo 8,4-7 no quadro e pedi a um aluno que o lessem em voz alta. Após a sua leitura, pedi aos alunos que me dissessem qual seria a mensagem que o seu autor nos queria transmitir; depois o texto bíblico foi explicado por mim no sentido de os fazer perceber que o Planeta que habitamos é uma dádiva de Deus.

De seguida perguntei aos alunos o que é que eles entendiam por poluição atmosférica; estes mostraram-se tão interessados que a participação não foi a mais ordenada; então, terminei com as suas intervenções e apresentei a definição num diapositivo. Após a apresentação da definição fui passando, em vários diapositivos, as imagens ilustrativas do quanto estamos a mal tratar o nosso Planeta e, na condição de haver uma participação organizada, permiti que fossem comentando cada uma das imagens.

Após a apresentação do *Power Point* passei para a visualização dos excertos do Documentário *Antes do Dilúvio*. Ao início a reação deles foi logo muito positiva, pois o ator Leonardo DiCaprio é uma personalidade conhecida, o que também ajudou a prender a atenção dos alunos para os problemas que estavam a ser relatados.

De uma forma geral, posso dizer que a avaliação é positiva, visto que o principal objetivo foi atingido. Considero, também, que os alunos foram capazes de atingir os objetivos

propostos. O seu comportamento foi, na grande maioria do tempo de aula, positivo. Considero, ainda, que consegui ter uma boa gestão da sala de aula, mesmo nas alturas em que os alunos se mostravam mais desinquietos.

### **Terceira aula:**

Dei início à aula pedindo a um aluno para escrever o sumário no quadro, sendo que a escolha do aluno foi aleatória, mas incidindo sobre aqueles que chegaram a horas.

Preparava-me para prosseguir com a projeção do *Power Point* com os textos alusivos à natureza das várias religiões quando me apercebi que o projetor não estava a funcionar. Desde logo pedi aos alunos que abrissem os Manuais na página 123 ao que eles me responderam que não têm Manuais, à exceção de um aluno. Para não perder muito tempo pedi logo a esse aluno que começasse a ler o primeiro texto, pertencente à religião Hindu. Como não queria que fosse sempre o mesmo aluno a ler os textos, perguntei quem queria ler o texto seguinte e fiz circular o meu Manual pelos alunos que se voluntariaram para a leitura. No final de se terem lido os três textos, dei uns minutos para a exploração dos mesmos e para que os alunos partilhassem as suas conclusões. Todos se mostraram muito participativos, embora de uma forma pouco organizada.

De seguida comecei a introduzir a temática de que, como criaturas de Deus, somos responsáveis por cuidar de toda a criação. Para que percebessem a expressão *cocriadores* optei por começar a falar do funcionamento de um avião em viagem: dei o exemplo de que o avião precisa de um piloto e de um copiloto para obter autorização da torre de controlo para descolar. Usando esta analogia, os alunos perceberam mais facilmente o que significa sermos cocriadores e quais as nossas responsabilidades para com a criação.

Como o projetor continuava sem funcionar, não foi possível a visualização do vídeo e do *Power Point* alusivos às associações que trabalham em prol do meio ambiente. Assim, esta parte da aula foi expositiva, tendo dado uma maior permissão aos alunos para que expusessem as suas ideias e os seus conhecimentos sobre este assunto e as instituições em causa.

De uma forma geral, posso dizer que a avaliação desta terceira aula é positiva, visto que o principal objetivo foi atingido. Considero, também, que os alunos foram capazes de atingir os objetivos propostos. Reconheço que o facto de os recursos não estarem a funcionar provocou alguns momentos de maior agitação dos alunos, mas o seu comportamento foi, na grande maioria do tempo de aula, positivo. Considero, ainda, que consegui ter uma boa gestão da sala de aula, mesmo nas alturas em que os alunos se mostravam mais desinquietos.

#### **Quarta aula:**

A planificação foi cumprida e os objetivos propostos foram atingidos.

Iniciei a aula fazendo uma retrospectiva da aula anterior, observando que os alunos ainda se lembravam bem de tudo o que tinha sido exposto sobre as instituições que trabalham em prol do meio ambiente.

Como o projetor não estava a funcionar, o sumário foi escrito no quadro e foi dado tempo aos alunos para que o passassem para os seus cadernos diários.

Posteriormente foi dado início a uma breve exposição acerca da figura de São Francisco de Assis, seguido de diálogo com os alunos sobre este Santo; observei com satisfação que, para alguns alunos, esta não era uma figura totalmente desconhecida. Após este momento procedi à distribuição dos cartões que continham uma pequena bibliografia de São Francisco de Assis e o texto “Cântico das Criaturas”. Todos ficaram bastante satisfeitos ao perceberem que este cartão ficaria para eles como lembrança desta aula. De seguida procedeu-se à leitura do texto “Cântico das Criaturas” e à sua exploração, com lugar para a participação de todos.

Não sendo possível o visionamento de uma apresentação em *Power Point* que contemplava informações chave acerca da Ordem Franciscana, optei por falar desta Congregação com recurso às minhas notas pessoais. Este tema suscitou imensas dúvidas aos alunos e, por isso, este momento demorou mais tempo do que o previsto. Respondidas a todas as questões dos alunos, a docente falou sobre o testemunho do Papa Francisco e a sua ligação com São Francisco de Assis. Para terminar a aula, expliquei aos alunos que São Francisco de Assis era considerado o padroeiro daqueles que se dedicam às causas ambientais e que a Igreja lhe dedicou o dia 4 de outubro.

De uma forma geral, a aula decorreu como o esperado, sendo que as estratégias utilizadas se revelaram adequadas para que os alunos atingissem os objetivos definidos para a aula. Os alunos demonstraram uma atitude recetiva às propostas, sendo que a docente aproveitou sempre as intervenções dos mesmos para exploração pedagógica do tema em estudo, estimulando o espírito crítico. Face às dificuldades detetadas, a docente procurou encontrar de imediato estratégias para as superar, com sucesso.

### **Quinta aula:**

Dei início à aula escrevendo o sumário no quadro e dando tempo aos alunos que o passassem para os respetivos cadernos diários.

Posteriormente deu-se início à organização de um universo de valores, relacionando o fundamento religioso do agir com a necessidade de se assumir uma perspetiva não utilitarista da natureza. Nesta atividade, apenas me limitei a ouvir os alunos e a escrever no quadro tudo o que eles iam dizendo; quando havia uma proposta menos correta, ajudava o aluno a elaborar uma outra resposta aproveitando sempre a base da primeira resposta.

De seguida iniciaram-se os trabalhos de grupo. Para não gerar muita confusão, optei por constituir grupos de dois elementos, que eram os alunos que estavam sentados lado a lado na sala de aula; foram explicadas as regras e o objetivo do trabalho de grupo e fornecidas as palavras-chave. Durante o tempo em que os alunos estavam a trabalhar, circulei pelos grupos, tirando algumas dúvidas que foram surgindo. Os alunos mostraram-se muito entusiasmados com esta atividade e o seu comportamento foi muito satisfatório. Terminado o tempo, pedi aos vários grupos que dissessem as palavras que associaram às palavras-chave e fui escrevendo cada uma delas no quadro.

Posteriormente, e como o projetor não funcionava novamente, apenas foi possível ouvir a música *We are the World*, não tendo os alunos acesso à respetiva legendagem em português; mas como a grande maioria deles já conhecia a música perceberam facilmente a sua escolha. O que alguns deles não sabiam era do projeto a que esta música está associada; nesta altura, apercebi-me de um aluno que lhe pedia para explicar o projeto aos colegas e permiti, ajudando-o apenas em alguns pormenores.

De uma forma geral, a aula decorreu de acordo com o planeado e os objetivos propostos foram atingidos.

### **7. Avaliação geral e final da planificação e lecionação da Unidade Letiva**

De uma forma geral, considero que os principais objetivos foram atingidos. Como aspeto a melhorar destaca-se o comportamento dos alunos. A idade em que eles se situam é a da adolescência, que se caracteriza por ser uma idade em que querem afirmar a sua própria personalidade, que os leva a testarem os limites. Desta forma, o aspeto a melhorar será exatamente o de ser mais rígida, principalmente na primeira aula. Percebi o quanto é importante não dar muita confiança nos primeiros encontros.

Posso afirmar que a planificação, no geral, foi cumprida e os conteúdos abordados foram adequados à faixa etária e ao nível dos alunos.

Um dos aspetos que me surpreendeu foi a necessidade extrema que senti de estar constantemente a motivar os alunos. Em Educação Moral e Religiosa Católica, como a nota final não tem peso na progressão ou retenção dos alunos e como a inscrição depende, muitas vezes, da vontade dos encarregados de educação, a necessidade de os motivarmos é enorme.

Outro aspeto que alteraria seria a inclusão de estratégias que envolvessem outros atores, mesmo que não fossem católicos. De facto, em vez de se mostrar uma apresentação em *Power Point* sobre São Francisco de Assis e a Ordem Franciscana, teria sido mais interessante e motivante para os alunos se tivesse convidado um franciscano para falar acerca do assunto. Considero que abertura do Papa Francisco, quando dirige a Carta Encíclica *Laudato Si'* a todas as pessoas vem neste sentido e se deve imitar.

Outros aspetos que poderiam ser aprofundados seriam apontar exemplos concretos de como se pode melhorar o nosso impacto no meio ambiente, como por exemplo, a reciclagem, o desligar a luz, e outros. Estas ações simples, como podem facilmente fazer parte da rotina dos alunos, teriam uma maior e melhor aceitação por parte destes.

Também poderão ser realizadas outras formas de intervenção e participação por parte dos alunos, como por exemplo, a realização de debates que envolvessem toda a turma, para que possam mais facilmente desenvolver competências de oralidade e habituarem-se a algo que, na idade deles, se começa a desenvolver que é a capacidade argumentativa ou o espírito crítico. Numa das aulas ainda tentei promover esse debate, mas considero que a participação dos alunos nem sempre foi das melhores e mais organizada. Talvez devido a este aspeto não tenha explorado mais esta dinâmica, embora a continue a considerar muito importante.

Considero importante salientar que, embora não tenha referido na planificação, as seguintes Metas também foram trabalhadas: “F. Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas; M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano; N. Promover o bem comum e o cuidado do outro”<sup>197</sup>.

Um outro aspeto que poderei vir a melhorar, numa outra altura que venha a lecionar esta Unidade Letiva, será a Meta Curricular D que está relacionada com o diálogo inter-religioso;

---

<sup>197</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 8.

aqui poderei abordar o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, instituído pelo Papa Francisco e pelo Patriarca Bartolomeu I<sup>198</sup>, a 1 de setembro, assim como a própria Carta Encíclica *Laudato Si'*, que possui duas orações finais, uma para os cristãos e outra para os crentes de outras religiões. Com base nestes factos e, dependendo da situação concreta do meio escolar, poder-se-ão pensar em atividades que envolvam outras religiões ou outras tradições religiosas cristãs, no âmbito da defesa do meio ambiente, podendo inclusive ser articuladas com a disciplina de Ciências Naturais que, no 8º ano de escolaridade, também aborda os problemas ambientais.

---

<sup>198</sup> [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco\\_20150806\\_lettera-giornata-cura-creato.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150806_lettera-giornata-cura-creato.html) (consultado a 10 de abril de 2017).

## CONCLUSÃO

Chegado a este ponto do Relatório, é o momento de fazer um balanço, salientando alguns aspetos deste ano de intenso trabalho.

Ao longo deste Relatório recorri às noções de ética, ecologia, valores éticos e humanistas, capazes de promover uma educação para uma ética da responsabilidade e da solidariedade com o objetivo de despertar as consciências para a situação atual do Planeta. Importa avivar nos alunos a necessidade da emergência de um novo paradigma ético que alargue e inclua em si princípios que fundamentem e preconizem os cuidados a ter com a natureza e com todos os seres humanos nas relações entre si. Apresentou-se a necessidade da substituição o sistema antropocêntrico, por outro sistema capaz de incluir uma ética que parta do ser humano em direção a si mesmo, às gerações vindouras e a toda a criação. Para alcançar este propósito, averiguou-se a possibilidade do docente de Educação Moral e Religiosa Católica educar no sentido de preservar a criação.

Este Relatório, bem como todo o trabalho desenvolvido no ano de estágio, conduziram-me a uma valorização de uma postura reflexiva e crítica. É importante que o docente não se instale nos sucessos obtidos, mas que tente sempre progredir e ser mais eficiente e melhor professor. É necessária uma busca contínua de um melhor exercício da profissão, tendo sempre presente que aquilo que funciona para uma turma, pode não funcionar para a seguinte.

Destaco dois aspetos que, para mim, são essenciais. O início da aula ser marcado por uma atividade forte que atraia a atenção dos alunos e faça a passagem para o tempo de aula; assim como um forte investimento nas aulas iniciais no cumprimento das regras e normas da sala de aula.

Tive hipótese de lecionar no contexto de uma turma do oitavo ano a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, o que me permitiu comprovar as especificidades da lecionação desta disciplina. Alguns aspetos que saliento, porque melhor recebidos pelos alunos são a inclusão de pequenos vídeos e também o diálogo com estes. O aspeto lúdico e, simultaneamente, instrutivo de um pequeno filme ou vídeo ajuda a atrair a atenção dos alunos, ajudando-os a focarem-se na tarefa. O diálogo permite que eles se expressem e que sintam que a sua participação é valorizada, salientando aqui o papel do reforço positivo.

Existiu um grande investimento na pesquisa e aprofundamento da bibliografia, mas aqui tive que fazer uma transição de um conceito de ecologia mais voltado para a natureza e o meio

ambiente natural, para outro no qual o ser humano desempenha um papel crucial. A denominada ecologia humana foi uma novidade para mim, mas reconheço a sua validade e importância, mesmo em termos naturais, dado o impacto que o ser humano possui em todos os ecossistemas terrestres.

No que se refere à temática ecológica destaca-se que, para haver mudanças, a nossa mentalidade tem de mudar. É necessário que nas escolhas que fazemos no dia-a-dia, tenhamos em conta os problemas ecológicos, que adotemos uma nova visão mais contemplativa, não tão possessiva. Temos de ser capazes de dizer não à cultura do descarte, do consumismo que nos influencia e sermos capazes de apreciar a obra criadora de Deus, louvando-O através dela.

O caminho está só a começar, muito mais haverá para investigar, pesquisar, aprofundar e também será necessário mais tempo para as ideias e as intuições amadurecerem, de modo a que possam vir a frutificar. Será interessante aprofundar-se a chamada ecologia humana, ou se preferirmos uma ecologia integral que tenha em conta a especificidade biológica do ser humano e a sua espiritualidade, além das relações sociais e do trabalho humano.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **Bíblia**

Bíblia Sagrada, Missionários Capuchinhos, Lisboa: Difusora Bíblica, 11ª Edição, 1984

### **Documentos do Magistério da Igreja**

Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965), *Decreto Christus dominus* (28 de outubro de 1965) Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1976

Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965), Declaração *Gravissimum Educationis* (28 de outubro de 1965) Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1976

Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965), Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de 1965) Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1976

Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965), Declaração *Dignitatis Humanae* (7 de dezembro de 1965) Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1976

Papa João Paulo II, Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* (30 de dezembro de 1987) Lisboa: Edições Paulistas, 1988

Conselho Pontifício Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Cascais: Principia, Publicações Universitárias e Científicas, 2005

Congregação para a Educação Católica, *Educar na escola. Documento do Magistério para a Educação*, Prior Velho: Paulinas, 2007

Papa Emérito Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) Lisboa: Paulus Editora, 2009

Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si'*. *Sobre o cuidado da nossa casa comum* (24 de maio de 2015) Lisboa: Paulus Editora, 2015

### **Conferência Episcopal Portuguesa**

Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral *Educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Lisboa: Edição do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002

Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral *Educação, direito e dever – missão nobre ao serviço de todos*, Lisboa: Edição do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002

Conferência Episcopal Portuguesa, *Bases para a pastoral juvenil*, Fátima, 2002

Conferência Episcopal Portuguesa, *A escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, Lisboa: SNEC, 2009

### **Enciclopédias e Dicionários**

Andrés José Román Flecha, Sapientia Fidei. *Serie de Manuales de Teología. Teología moral fundamental*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001

Villa Mariano Moreno (dir.), *Dicionário do Pensamento Contemporâneo*, São Paulo: Paulus, 2000

### **Legislação**

Decreto-Lei nº407/89 de 16 de novembro, Diário da República 264, I Série, Ministério da Educação, Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda

Decreto-Lei nº70/2013 de 23 de maio, Diário da República 99, I Série, Ministério da Educação, Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda

### **Bibliografia Geral**

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, *Projeto Educativo 2013-2017*, Braga, 2014

Arruda, Marcos e Leonardo Boff, *Globalização: desafios socioeconómicos, éticos e educativos*, 3ª Edição, Petrópolis: Vozes Petrópolis, 2002

Boff, Leonardo, *Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, 12ª Edição, Petrópolis: Editora Vozes, 1999

Caride, José António e Pablo Ángel Meira, *Educação ambiental e desenvolvimento humano*, Lisboa: Instituto Piaget, Coleção Horizontes Pedagógicos, 2001

Carvajal, Luís González, *Entre la utopía y la realidad*, Bilbao: Sal Terrae, 1998

Clemente, D. Manuel, *A fé do povo. Compreender a religiosidade popular*, Lisboa: Paulus, 2002

Coreth, Emerich, *O que é o Homem? Elementos para uma antropologia filosófica*, Lisboa/São Paulo: Verbo, 1998

Cortina, Adele e Emilio Martínez Navarro, *Ética*, 3ª Edição, Madrid: Akal Ediciones, 2001

Dinis, Alfredo e João Paiva, *Educação, ciência e religião*, 1ª Edição, Lisboa: Grávida, 2010

Duque, Eduardo, *O jovens e a religião na sociedade atual. Comportamentos, crenças, atitudes e valores no distrito de Braga*, Braga: Instituto Português da Juventude, 2007

Eliade, Mircea, *O Sagrado e o profano. A essência das religiões*, Lisboa: Grávida, 2010

- Gonçalves, Raquel, *Ciência, pós-ciência e metaciência: Tradição, inovação e renovação*, 2ª Edição, Lisboa: Terramar, 1997
- Haeckel, Ernst, *Generelle Morphologie der Organismen*, Vol. I, Berlin, 8 (citado por Aida Guerra da Silva, *A Ecologia na Educação Moral*, in Fórum de EMRC, Lisboa: SNEC, 2005, 191)
- Jonas, Hans, *Ética, medicina e técnica*, 1ª Edição, Lisboa: Veja, 1994
- Jonas, Hans, *Le Principe Responsabilité. Une éthique pour la civilisation technologique*, 3ª Edição, Paris: Du Cerf, 1995
- Kant, Emmanuel, *Crítica da razão prática*, Lisboa: Edições 70, 1986
- Lipovetsky, Gilles, *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa: Relógio d'água, 1983
- Minnerat, Roland, tradução Vítor Coutinho, *Para uma ética social universal. A proposta católica*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009
- Organização para o Desenvolvimento Económico, *A Ecologia e a Escola*, 1ª Edição, Rio Tinto: Asa, Coleção Horizontes da Didática, 1992
- Pacheco, José Augusto, *Currículo: teoria e praxis*, Porto: Porto Editora, 2001
- Ringuet, Louis Leprince, *A fé do físico. O testemunho de um cientista*, tradução Abílio Cardoso, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1996
- Roldão, Maria do Céu, *Gestão do Currículo e avaliação de competências. As questões dos professores*, 8ª Edição, Lisboa: Editorial Presença, 2003
- Salas, António, Joseph Gevaert, Robert Gianatelli, *Didáctica de la Enseñanza de la Religión*, Madrid: CCS, 1993
- Savater, Fernando, *Ética para um jovem*, 14ª Edição, Lisboa: Dom Quixote, 2005
- Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Lisboa: SNEC, 2006
- Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa: SNEC, 2014
- Silva, Aida Guerra da, *A Ecologia na Educação Moral*, in Fórum de EMRC, Lisboa: SNEC, 2005

Varanda, Isabel, *A Salvação Ecológica, Proliferação de transcendências – a religião que anda no ar*, Cadernos Instituto São Tomás de Aquino, nº11, Lisboa: Ordem dos Pregadores, 2001, 107 – 119

### **NetGrafia**

Leonardo Boff, *Como cuidar de nossa Casa Comum*, in Jornal Brasil:

<http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2015/08/23/como-cuidar-de-nossa-casa-comum>  
(consultado a 13 de março de 2017)

[W2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco\\_20130605\\_udienza-gener](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130605_udienza-gener) (consultado a 23 de março de 2017)

[W2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031995\\_evangelium-vita](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vita) (consultado a 20 de março de 2017)

[W2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19891208\\_xxiii-world-](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-) (consultado a 24 de março de 2017)

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco\\_20150806\\_lettera-giornata-cura-creato.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150806_lettera-giornata-cura-creato.html) (consultado a 10 de abril de 2017)

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco\\_20141127\\_messaggio-lima-cop20.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20141127_messaggio-lima-cop20.html) (consultado a 21 de março de 2017)

*Carta da Terra: valores e princípios para um futuro sustentável:*

<http://www.mma.gov.br/destaques/item/8071-carta-da-terra> (consultado a 13 de março de 2017)

[http://www.chicagomanualofstyle.org/tools\\_citationguide.html](http://www.chicagomanualofstyle.org/tools_citationguide.html) (consultado a 10 de março de 2017)

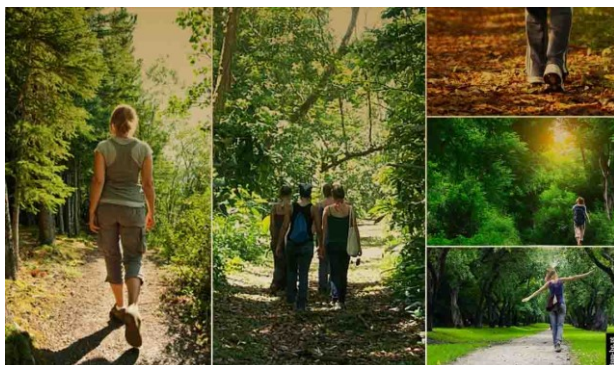
## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	5
<b>CAPÍTULO I – O CONTRIBUTO DA EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO ALUNO</b>	7
<b>1. Finalidades da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica</b>	7
<b>2. A identidade da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica</b>	11
<b>3. Fundamentação da presença da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas</b>	13
<b>CAPÍTULO II – ÉTICA E ECOLOGIA – CONCEITOS E PROBLEMATIZAÇÃO</b>	19
<b>1. Conceito de Ecologia</b>	19
<i>1.1. Alguns documentos da Igreja e intervenções do Magistério Papal</i>	19
<b>2. Conceito de ética</b>	25
<b>3. Paradigmas éticos</b>	26
<i>3.1. A natureza e a ética tradicional</i>	26
<i>3.2. Novo paradigma ético: o princípio da responsabilidade</i>	28
<i>3.3. Desenvolvimento sustentável. Ecologia e Valores</i>	29
<b>4. Os princípios ecológicos e a educação</b>	31
<i>4.1. O apelo a um outro estilo de vida</i>	31
<i>4.2. A ecologia na perspetiva do cuidado</i>	34
<i>4.3. Educação e espiritualidade ecológicas</i>	37
<i>4.4. O contributo da Educação Moral e Religiosa Católica para uma Ecologia Integral</i>	40
<b>CAPÍTULO III – ABORDAGEM PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DA UNIDADE LETIVA 4 DO 8º ANO DE ESCOLARIDADE “ECOLOGIA E VALORES</b>	44

<b>1. Caracterização do Agrupamento de Escolas Dr.º Francisco Sanches</b>	<b>44</b>
<b>2. Caracterização da turma</b>	<b>47</b>
<b>3. Descrição geral da Unidade Letiva</b>	<b>47</b>
<b>4. Análise pedagógico-didática da Unidade Letiva</b>	<b>49</b>
<b>5. Planificação da lecionação da Unidade Letiva aula a aula</b>	<b>50</b>
<b>6. Descrição e Avaliação da Unidade Letiva aula a aula</b>	<b>66</b>
<b>7. Avaliação geral e final da planificação e lecionação da Unidade Letiva</b>	<b>70</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>73</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>75</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>81</b>

## **ANEXOS**

Anexo 1 – Imagens utilizadas na primeira aula (retiradas do Google)





Anexo II – Imagens utilizadas na segunda aula (retiradas do Google)



Anexo III – Pagela oferecida aos alunos sobre São Francisco de Assis. Elaboração própria.



### **S. Francisco de Assis**

É considerado um testemunho cristão da relação harmoniosa que deve existir entre o ser humano e a natureza.

Nasceu na cidade de Assis, em Itália, no ano de 1181 e morreu no dia 3 de outubro no ano de 1226.

Foi declarado santo (canonizado) no ano de 1228.

Pela sua relação ímpar com a natureza, é conhecido por todo o mundo como o santo protetor dos animais e do meio ambiente.

Agrupamento de Escolas Dr.º Francisco Sanches – 2016/2017

EMRC – 2ºA

Cântico das Criaturas:

Louvado sejas, ó meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente pelo irmão sol, através do qual nos dá, o dia e a luz. Ele é belo e radiante; com grande esplendor: de si, Altíssimo, nos dá ele a imagem.

Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã lua e as estrelas: no céu as acendeste, claras, preciosas e belas.

Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão vento e pelo ar e pelas nuvens; pelo céu sereno e pelos tempos, com que sustentas todas as criaturas.

Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã água, que é tão útil e humilde e preciosa.

Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual alumias a noite; ele é belo, agradável e forte.

Louvado sejas, ó meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos, com flores coloridas e verduras.

Louvado sejas, ó meu Senhor, pelos que perdoam por Teu amor.

Louvem e bendigam o meu Senhor, deem-lhe graças e sirvam-no com toda a humildade.